

VOGGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS
DA ILUSTRAÇÃO
30, R. da Alegria, 30 — End. teleg. : LIBERTRAN — LISBOA

DIRECTOR TÉCNICO
JOÃO DE SOUSA FONSECA
SECRETÁRIO DA REDACÇÃO : ALVARO MAIA

DIRECTORA
ESTELA SANTOS NOBRE
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE AILLAUD, LTD.^a
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — 25, Rua Anchieta
TELEF. C. 1084, C. 1606



AS «GUY SISTERS», FAMOSAS BAILARINAS DO «CASINO DE PARIS»

ESTE NÚMERO TEM 16 PAGINAS

A REVISTA FEMININA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Ayuntamiento de Madrid

VIDA ELEGANTE

As crônicas elegantes registam neste momento a realização de um casamento que bem pode considerar-se um verdadeiro acontecimento mundano pela alta situação social das famílias que se aliaram. A noiva, a sr.^a D. Maria Emília de Casal Ribeiro Ulrich, filha gentilíssima da sr.^a D. Conceição de Casal Ribeiro Ulrich e do sr. dr. João Ulrich, governador do Banco Ultramarino, apresentou-se há pouco na sociedade elegante da capital onde logo marcou lugar de destaque mercê do seu encanto muito pessoal que facilmente atrai profundas

explêndidas flôres e preciosas pratas e cristais. Os noivos partiram para o palacete Ulrich, na Ericeira, tencionando seguir em breve para o Luxemburgo, onde tem a sua residência. Como já dissémos era numerosa e brilhante

Atalaia, do Calhariz, de Valboni, da Povia, da Lapa.

Viscondes: d'Asseca, dos Olivais, de Fonte Boa; Barão de Saavedra, D. António de Lencastre, dr. Ruy Ulrich, dr. João Albino de Sousa Rodrigues, D. José Luís de Saldanha (Rio Maior) e filhos, dr. João Emauz Leite Ribeiro, José Basílio Castelo Branco.

Dr. Baltazar Cabral, dr. Manuel Fratel, dr. Manuel Casal Ribeiro de Carvalho, Guilherme Street de Arriaga e Cunha (Carnide), dr. Egas Moniz, Eduardo Burnay, dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco, Eduardo Perestrelo de Vasconcelos, Fernando Ulrich, dr. João de Magalhães, dr. José Maria Casal Ribeiro de Carvalho, D. Rui Zarco da Câmara (Ribeira), Lourenço Casal Ribeiro, José Teles da Silva (Tarouca), Ricardo Espírito Santo Silva, José da Cunha Rola Pereira, Eduardo Corrêa de Sá, António Asseca, Rodrigo de Castro Pereira, Gabriel Reis, Henrique Balsemão, José Saldanha da Gama, Francisco Luís Pereira de Sousa, Mi-

FESTAS DE CARIDADE

Amanhã, segunda-feira, realiza-se no teatro São João, do Porto, organizada por uma comissão de senhoras da primeira sociedade portuense, da qual fazem parte as seguintes: D. Amália de Castro Lima, D. Ana José Guedes da Costa, D. Candida de Sá e Melo Moreira, Condessa de S. Tiago de Lobão, D. Fernanda de Magalhães e Menezes Vanzeler, D. Inês Guedes Cabral, D. Júlia de Oliveira Martinho, D. Maria José Alvares Ribeiro, D. Maria Paulina Carqueja Seara Cardoso, D. Maria Salgado Zenha da Mota Coelho e Viscondessa de Aljô, uma interessante festa de caridade cujo produto se destina a favor do fundo do Hospital de Crianças D. Maria Pia, estando o programa, verdadeiramente interessante, a cargo de distintos amadores pertencentes à primeira sociedade da capital do norte.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Gabriela Bellard Silvano, esposa do sr. Francisco Silvano, activo sócio-gerente do Grande Hotel de Itália, do Monte Estoril.

Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

☛ ☛ ————— ☛ ☛

ELEONORA AMSEL

UM BELÍSSIMO GESTO DA GRANDE PIANISTA POLACA

DENTRE os artistas estrangeiros que ultimamente entre nós se exibiram, Eleonora Amsel, «virtuosa» do piano, é sem dúvida uma das maiores e das mais ilustres. Sob os seus dedos mágicos o piano adquire um poder de expressão, uma vida, uma vibração extraordinárias. Os concertos da grande pianista polaca há dias realizados, constituíram êxitos autênticos e espectáculos de pura arte musical.

Mas, em Eleonora Amsel, não há apenas a grande «virtuosa» do piano, a artista de mundial reputação. Eleonora Amsel é também um delicado, um amável coração. Chegada a Portugal, Eleonora Amsel sentiu-se seduzir pela nossa terra; encheu-se de afeição pela nossa gente e pela nossa arte. Os nossos pianistas mereceram-lhe o especial carinho. Sobre tudo aqueles que principiam a sua carreira... E por isso, Eleonora Amsel resolveu com o seu coração ter um gesto que só vem comprovar o alto quilate do seu espírito de mulher e de artista. A grande «virtuosa» do piano dará dentro em breve um concerto cujo produto integral será dedicado à compra de um piano de cauda de bom autor, e piano esse que por concurso público será entregue ao pianista português que sair vencedor no concurso em questão. Neste serão interpretadas pelos concorrentes várias peças de responsabilidade e perante um jury previamente designado.

Voga sente-se lisongeadora por poder registar aqui nas suas páginas o belo gesto da grande pianista polaca e que é bem próprio dum belíssimo coração de mulher.



Casamento da sr.^a D. Maria Emília de Casal Ribeiro Ulrich com o sr. Marquês de Abrantes — Os noivos dirigindo-se para a capela do palacete do sr. dr. João Ulrich, aonde se realizou a cerimónia

simpatias. O noivo é o sr. D. José de Lencastre e Távora, marquês de Abrantes, fidalgo de nascimento e de carácter, cuja convivência é desejada pelos primores da sua educação e do seu espírito. Engenheiro distinto, exerce a sua actividade no Luxemburgo, onde vive há anos, cercado de respeito e de amizades.

Realizou-se a cerimónia religiosa na capela do palacete do sr. dr. João Ulrich, que vestia gálas excepcionais, toda decorada com lindos e resplendentes goivos brancos.

Oficiou monsenhor Gustavo Couto que fez uma eloquente alocução aos noivos.

Finda a cerimónia seguiu-se o desfile da numerosa e brilhante assistência em cumprimentos aos nubentes e sua famílias aspecto de rara imponência pela elegância e riqueza das *toilettes* femininas que davam ao conjunto um belo realce.

Foi depois servido um delicado lunch no salão de refeições em bufete fixo adornado com

a assistência. Damos a seguir a nota da maioria dos convidados:

Duquesa de Palmela, Lady Carnegie, condessa de Lichtervelde, M.^{me} White, M.^{me} de Belfort Ramos, M.^{me} Alfonso Ficowitch; marquezas: de Castelo Melhor e filha; de Gouveia; condessas: das Alcoçovas, de S. Lourenço, da Ponte, de Casal Ribeiro, de Alvôr, de Mafra, de Bobone, de Murça, de Seisal, de Alferrade, de Castelo Mendo, de Almada e Avranches, de Carnide, de Arge, de Atalaya, de Calhariz, de Valbom, da Povia, da Lapa.

Viscondessas: de Assêca e filha, dos Olivais, da Fonte Boa; D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Maria Thereza Mayer de Magalhães, D. Beatriz de Lencastre, D. Maria Luisa Ulrich, D. Cecília de Wanzeller Castro Pereira, D. Luisa de Vasconcelos Cabral, D. Fanny Perestrelo de Vasconcelos, D. Carlota da Cunha Menezes, D. Flora Fernandes Tomás de Sousa Rodrigues, D. Helena de Almada e Lencastre, D. Berta de Ortigão Ramos, D. Maria Feliciano de Ortigão Burnay, D. Berta Mauperrin Santos Castelo Branco, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Elvira Egas Moniz, D. Luisa Patrício Fratel, D. Maria Ignacia Casal Ribeiro de Carvalho e filha.

D. Angela de Carvajal Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio (Castelo Novo) e filha, D. Alice de Assis Furtado, D. Maria F. Burnay Belo, D. Isabel de Roure, D. Júlia de Melo Breyner, D. Maria Cohen do Espírito Santo Silva, M.^{me} Rolla Pereira, M.^{me} Ernesto de Vilhena, D. Maria das Dóres de Almeida Trigo, D. Maria Adelaide e D. Teresa Tarouca, D. Luisa Cabral Pinto Barreiros, D. Carolina Corrêa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Maria de Lancastre Finza, D. Assunção Moraes de los Rios da Câmara, D. Maria Teresa e D. Carmo Ulrich, D. Luisa Beck Corrêa de Sá (Assêca), D. Maria de Oliveira Reis, D. Carlota e D. Benedita de Castro Pereira, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, M.^{me} F. P. Pereira de Sousa, M.^{me} Ed. Corrêa de Sá, D. Ludovina de Sotto Maior Denis, D. Maria do Carmo de Albergaria Burnay, D. Maria João Zarco da Câmara (Ribeira), D. Cristina Rebelo de Andrade, D. Arcelina Moreira (Taboeira), M.^{les} Casal Ribeiro, M.^{lle} Marguerite Houet, etc.

E os senhores: Embaixador de Inglaterra, Ministros: da Bélgica e da Holanda; Piscowich, Conselheiro da Embaixada de Espanha, Marquês de Castelo Melhor, do Lavradio e de Gouveia; condessas: das Alcoçovas, de Mafra, de S. Lourenço, da Ponte, de Alvôr, de Castelo Mendo, de Murça, de Seisal e filho, de Bobone, de Almada e Avranches, de Arge, de Carnide, de Anadia, de



A noiva, sr.^a D. Maria Emília de Casal Ribeiro Ulrich, cujo casamento com o sr. Marquês de Abrantes noticiamos nesta página

guel Sá Pais Correia do Amaral (Anadia), Eduardo Maia Covões, Capitão Frederico Vilar, Domingos Pinto Barreiros.

D. Pedro de Melo e Castro, Monsenhor Portugal, P. Leitão, Manuel Burnay, Eduardo, João e Nuno de Castro Pereira, Frederico Arouca, D. Nuno da Câmara, António Belo, Tomás e António Pinto Bastos, etc.



O casamento da sr.^a Maria Emília do Casal Ribeiro Ulrich com o sr. marquês de Abrantes — Os recém-casados, saindo de casa sob uma chuva de flôres

(Clichés gentilmente cedidos pelo distinto amador sr. Maia Afonso)

LIÇÕES DE CANTO

POR M.^{me} LEITE DINIZ

Especializada na preparação e impositação da voz

Discipula em Milão da celebre Galetti e do notavel professor Cesare Rossi

Lições em curso e particulares em sua casa e em casa dos discípulos

Dão-se todas as informações na

RUA SAMPAIO PINA, HIA, 3.^o D.

(Parque Eduardo VII)

e na redacção da "VOGA"

ESPARTILHOS E CINTAS



"POMPADOUR"

OS MELHORES
OS MAIS RESISTENTES
E OS MAIS ELEGANTES

"A POMPADOUR"

CASA DE ESPARTILHOS E CINTAS

28 — Chiado — 30

☛ ☛ ————— ☛ ☛
Conhece V. Ex.^a os — GRANDES ARMAZENS DAS ILHAS — Rua de S. Bento, 120? Tudo quanto precisa uma boa dona de casa Telefone
ahi encontra pelos melhores preços : : : : T. 801



AS MODAS EM VOGA

OS VESTIDOS DE CASACO E OS CREPES DA CHINA EM VARIOS TONS:

SETE LINDOS MODELOS Á PROCURA DE SETE LINDAS MULHERES:

uma linha muito interessante e um corte tão original quanto gracioso.

Na saia dois machos feitos por dentro dão-lhe a amplidão precisa para o andamento normal não lhe quebrando a harmonia da linha direita e esbelta.

A blusa, em crêpe da China lavrado, quebra a sisudez sombria deste vestido.

debruado com o crêpe de China estampado de que é feito o vestido. Este é todo debruado com a seda do casaco.

O modelo n.º 4 é um dos modelos bizarros e originais que com tanta frequência aparecem em Paris, criações de casas afamadas pelo seu requinte e elegância.

Feito em cinzento muito claro, deve ter o



A respeito de chapéus continuam na moda os que são cortados em triângulo na testa. Parece mesmo que este verão se adopta este género, quer os chapéus tenham aba ou não.

O nosso modelo n.º 5 é um gracioso chapéu em palha «vieux-rose».

Sem enfeites, fitas ou flores, é este chapéu um lindo modelo na sua sobriedade. É feito em palha e a mesma palha o enfeita.

O nosso modelo n.º 6 é um chapéu em feltro com o mesmo corte característico na testa, mas nestes ao lado.

Um artístico motivo em fita orna este gracioso chapéu e embeleza o rosto.

O feltro continua a usar-se com furor. As suas cores, lindas, bastante concorrem para isso. Como hoje as qualidades de feltro são imensas—havendo feltro grosso e cheio de pêlo como o «flamond», ou feltro muito macio e fino—natural se tornou o uso do feltro tanto no inverno como no verão.

QUANDO a chuva deixa de tamborilar nas vidraças, e o sol irrompe triunfalmente há então, na natureza, uma alegria moça, que repele o inverno, deixando o campo livre à fresca e radiosa primavera que avança.

É então que os lindos e opulentos casacos de peles e os casacos de abafo, feitos em fazendas fortes e enfeitados a peles, se nos tornam pesados e incomodativos. Nesta altura, como a natureza, nós queremos festejar a primavera com alegria, e os casacos pesados de inverno já não foram alegres.

Os conjuntos graciosos de vestidos e casacos, combinando cores e enfeites, são esplêndidos para a solução das «toilettes» que acompanharão o início dos dias agradáveis e lindos.

Os vestidos de casaco também são excelentes



No nosso modelo n.º 3 temos um lindo casaco em seda e vestido em crêpe da China de fantasia.

Tanto a saia do vestido como do casaco são cortadas em quatro largos folhos talhados em «godets».

No casaco, desde os folhos às mangas, tudo é

vestido no mesmo tom. A saia, que aparece perto de 20 centímetros abaixo do casaco, é completamente pregueada em largas pregas.

Desde a gola às algibeiras como a sua linha geral, tudo neste casaco é diferente do costume, tendo por isso certamente a preferência de muitas senhoras que detestam o vulgar.



«toilettes» que sempre estão no rigor da moda pela sua elegância e utilidade.

Acompanhando estes casacos, quer curtos, quer compridos, veem-se os lindos crêpes da China, estampados e fantasistas, que tão alegres tornam as «toilettes» primaveris.

Todos os nossos modelos (vindos de Paris expressamente só para a Voga) atestam bem quanto reina o crêpe da China, pois em todos eles o crêpe é um importante elemento.

Os casacos para meia estação podem ser em seda e setim ou em fazendas de lá muito leves.

O nosso modelo n.º 1 compõe-se dum lindo vestido em crêpe da China «beige» em três tons e casaco em setim azul muito escuro forrado de «beige».

Os casacos de meia estação usam-se todos direitos e lisos. O casaco que a fantasia do nosso modelo colocou sobre o ombro é completamente liso e duma só cor.

O nosso modelo n.º 2 é um lindo vestido de casaco em fazendo cinzenta. Tem este vestido



O nosso modelo Voga é um encantador vestido de estilo.

Em «lamé» prateado e setim verde jade, é este um vestido em que o seu conjunto cheio de harmonia e bom gosto atrai a nossa atenção e preferência.

A saia deste vestido em setim verde jade é talhada em três largos folhos, cortados em pontas arredondadas e sobrepostos esses folhos uns sobre os outros. Um leve franzido dá amplidão à saia para formar o seu aspecto de grande roda. Nos folhos são dispostos triângulos em «lamé» prateado, tendo a base arredondada como o setim, onde são colocados. O corpo justo, permitindo que o busto se desenhe esbelto e elegante, é completamente feito em «lamé».

Pequenas flores em verde e prateado são dispostas numa graciosa grinalda, que desce do ombro à cintura, onde remata com uma flor no mesmo género, mas esta muito grande.

MALAS E BASTOS SILVA, L.^{DA}
CARTEIRAS ALTA NOVIDADE Rua de S. Nicolau, 81

MADMOISELLE X.

V O G A

É uma publicação honesta. Está nisto a garantia do Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

ESTÁ, finalmente, composto o programa do grandioso certame organizado pela *Voga*. É um programa vasto e completo, à altura dos créditos, da reputação do nosso semanário.

É cedo, porém, para o desvendar completamente, pois isso iria diminuir a surpresa deslumbrante que desejamos que o nosso salão venha a ser — para toda Lisboa, todo Portugal.

É já tempo, no entanto, que digamos a todo o público e, sobretudo, a todo o comércio, principal interessado na nossa obra, que, a partir deste número da *Voga*, fica aberta a marcação dos stands, a qual se fará em todos os dias úteis nos nossos escritórios, das 3 às 5 horas da tarde.

Já duas casas parisienses estão inscritas e outras, por certo, ainda virão realçar e completar a nossa obra.

Uma pequena e graciosa exposição de quadros dos nossos melhores artistas será feita também no *Salão da Elegancia Feminina*, e este é, sem dúvida, um dos números mais simpáticos e beneméritos do nosso programa. É que a *Voga* não esquece os artistas nacionais, antes procura, num acto de justiça, criar-lhes na vida portuguesa o lugar que eles tanto merecem.

É preciso que o público conheça e estime os seus artistas, e que estes encontrem no público um auxiliar e um animador.

Ao reinado da oleografia, é forçoso que suceda a época da arte verdadeira, da aguarela e do óleo. Que todos, enfim, se certifiquem de que os quadros não são apenas preciosos auxiliares da decoração, mas reais valores.

Que cada casa portuguesa seja um pedaço de Portugal, um reflexo da nossa vida mental e artística, um repositório — modesto, embora, mas digno — dos valores nacionais.

Como por tudo isto se vê, o *Salão da Elegancia Feminina e Artes Decorativas* promovido e organizado pela *Voga* vai constituir um êxito sem precedentes.

A sociedade elegante de Lisboa fará dos salões do Palácio Nacional das Belas Artes o ponto de reunião preferido. É que ela desejava, de há muito, que lhe proporcionassem um tal espectáculo, que lhe facilitassem a escolha dos artigos e *toilettes* necessárias para cada estação.

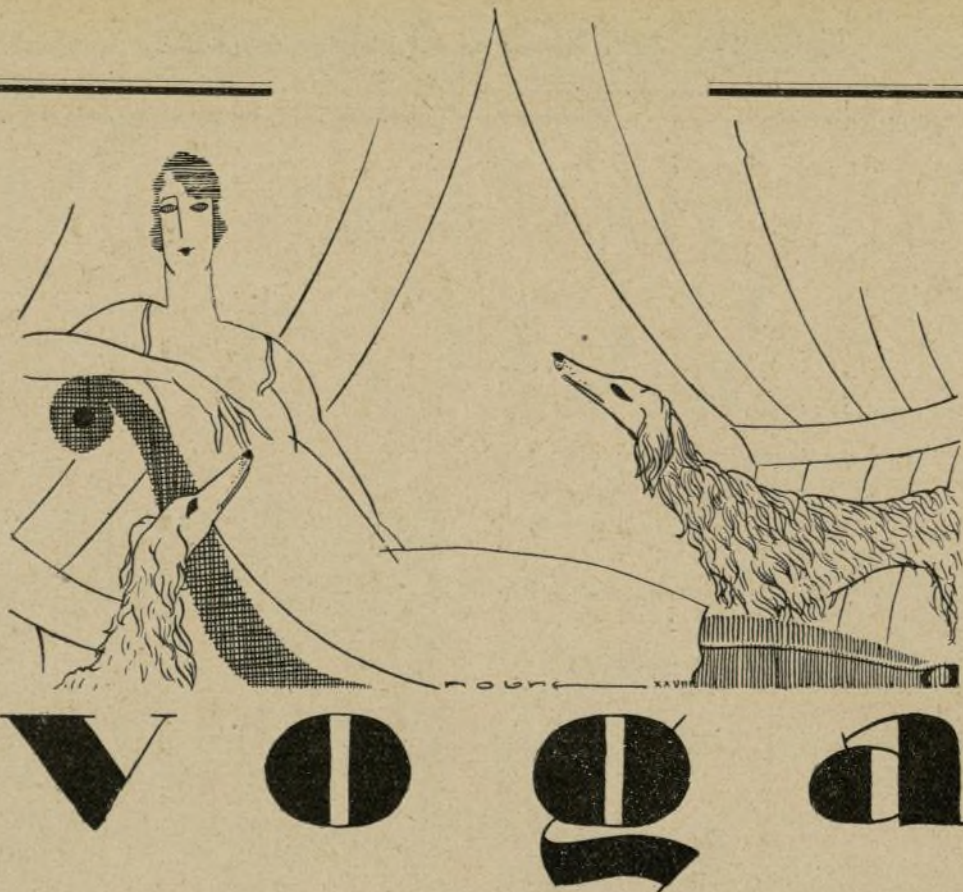
O *Salão da Elegancia Feminina* é bem a centralização de todo o comércio. É uma única vitrine de todas as lojas.

Claro que só uma revista da categoria da *Voga* podia meter ombros a tamanha empresa e levá-la a efeito com êxito e distinção.

Por isso mesmo a *Voga* se lançou em tão importante empresa, e o fez sem receio algum.

Que o comércio de Lisboa compreenda o quanto representa a nossa iniciativa e seja tão digno dela, quanto ela é digna do esforço, verdadeiramente bem nítido, que se nota em todo êle.

Materialmente a *Voga* nada pretende ganhar. Os seus lucros serão apenas mo-



SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS

OS STANDS DO SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS DESTINAM-SE ÀS SEGUINTE SECÇÕES:

- A — ALTA-COSTURA — CHAPÉUS — ROUPA DE SENHORA — PERFUMES E ARTIGOS DE TOILETTE — CALÇADO — LUVAS.
- B — AUTOMÓVEIS E ACESSÓRIOS — ARTIGOS DE NATAÇÃO, TENNIS, GOLF E OUTROS SPORTS.
- C — MOBILIÁRIO DE CAMPO E PRAIA — BIBELOTS E OUTROS ARTIGOS DECORATIVOS — TAPETES — ROUPA DE CASA — ARTIGOS CASEIROS.
- D — ARTIGOS DE VIAGEM.
- E — FRIVOLIDADES (ARTIGOS DE PARIS).
- F — TECIDOS E RENDAS.
- G — FATOS DE CRIANÇA.

Nos nossos escritórios, *RUA ANCHIETA*, N.º 25, encontra-se desde já aberta a inscrição para este grandioso certame e prestam-se todos os esclarecimentos necessários.

QUE, PORTANTO, TODO O COMERCIO DE LISBOA REQUISITE UM STAND PARA ESTE INEDITO E NOTAVEL SALÃO DA ELEGANCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS PROMOVIDO E ORGANISADO PELA

V O G A
INAUGURAÇÃO EM 15 DE MAIO

V O G A

Não procura ganhar dinheiro. Procura ser útil com o Salão da Elegancia Feminina & Artes Decorativas

rais. *Voga* contenta-se com o êxito do *Salão da Elegancia Feminina*. Esse êxito será o melhor de todos os prêmios.

Não se trata, para a *Voga*, de fazer um negócio, mas sim de realizar uma obra, grande e útil, que era desejada em vão por todos os comerciantes cultos, por todos os lojistas que tem do comércio uma noção moderna e uma visão perfeita.

Que não mais em Portugal a rotina impere e rasteje. É preciso que o comércio moderno seja realmente moderno.

Das decorações do *Salão da Elegancia Feminina* pode-se, desde já, afirmar que vão ser, por si só, um atractivo, um espectáculo e uma visão.

Nada do que até hoje se tem feito entre nós é comparável ao espectáculo de luz e de cor que a *Voga* fornece ao público de Lisboa. Paulino Montez, o brilhante architecto e aguarelista, prepara uma decoração moderna e atraente, inédita e digna, não apenas de Lisboa, mas de qualquer capital civilizada.

E outros artistas serão convidados ainda para auxiliar esta obra com os primores do seu talento e a frescura da sua ousadia.

As conferências que, como já dissemos, proporcionamos ao público, serão feitas por notáveis homens de letras e artistas, o que assegura ao nosso certame um cunho verdadeiramente literário, imprimindo-lhe um aspecto artístico muitíssimo importante.

O *Salão da Elegancia Feminina e Artes Decorativas* vai, pois, influir de uma maneira directa na vida portuguesa, no comércio e na indústria.

Nunca é demais acentuar a urgência que vai havendo para todo o comércio em se inscrever neste nosso salão.

O facto de termos querido dar aos salões da Sociedade Nacional de Belas Artes um aspecto sóbrio e rigorosamente artístico, obrigou-nos a limitar o número de stands ao absolutamente possível.

Não é nosso intuito, voltamos a dizê-lo, realizar um negócio. Pretendemos realizar uma obra comercial e artística que seja, ao mesmo tempo, uma parada mundana e um curioso e polícromo espectáculo para todo o público.

Os chás do nosso *Salon* serão, certamente, os mais concorridos e elegantes de Lisboa.

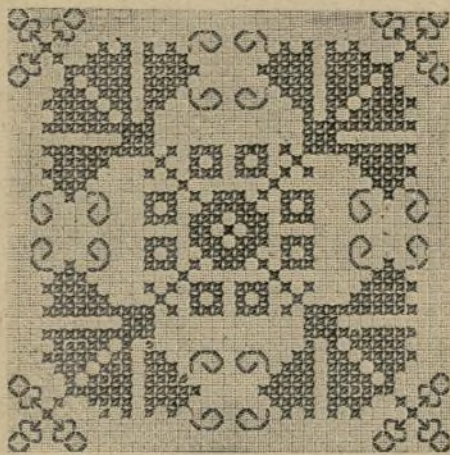
O próprio facto de o *Salão da Elegancia Feminina e Artes Decorativas* se realizar no Palácio Nacional das Belas Artes, e sob o honroso patrocínio deste importante organismo oficial, dá ao público todo e a todo o comércio a garantia plena, não só do seu êxito, como também do verdadeiro aspecto elegante que êle vai ter.

É que, na verdade, o Palácio Nacional das Belas Artes, era não só o único edificio de Lisboa capaz de permitir um tal certame, como o lugar justamente indicado para esse certame ser feito.

O *Salão* que a *Voga* organiza é bem o *Salão Nacional da Elegancia Feminina e Artes Decorativas*.

BORDADOS E RENDAS

BORDADOS A PONTO DE CRUZ



O ponto de cruz, mundialmente conhecido, não é um dos pontos que a moderna época tenha criado para maior simplicidade e rapidez nos trabalhos femininos, mas é um ponto que muito bem a eles se adapta.

É rara a senhora que o não conhece, tendo, portanto, muita facilidade em confeccionar qualquer das peças, ornamento e beleza do lar, a que dizem respeito os nossos desenhos.

A maior parte dos bordados antigos era executada em tecidos duma extrema finura. Estes trabalhos, muito minuciosos, gastam-nos muito tempo e é precisa uma grande força de vontade e perseverança para os terminar. Hoje, seria impossível consagrar a qualquer destes trabalhos meses seguidos. Existem, modernamente, tecidos de fios muito grossos, que se tornaram esplendidos auxiliares, permitindo que se contem os fios com maior facilidade e que se reproduza os desenhos mais rapidamente.

Querendo bordar a ponto de cruz sobre veludo, setim ou peluche, cobrem-se estes com uma talagarcha, com a rede no tamanho em que se deseje o ponto, e borda-se sobre esta o que se quizer, contando assim os fios sem a mais leve dificuldade, e apanhando, é claro, o veludo ou qualquer outro tecido que esteja servindo de forro.

Quando o desenho estiver pronto, corta-se a talagarcha e eis feito sobre tecido de fios inconfundíveis um bordado onde a certeza de ponto é admirável.

O tecido de fios grossos para estes bordados existe em branco e amarelinho, mas é principalmente sobre este último que as cores sobressaem com nitidez e suavidade.

A escolha das cores é nestes trabalhos um dos mais importantes factores, para uma harmonia de graça e de beleza.

Antes de se começar um bordado deve-se previamente ter escolhido o lugar ou compartimento onde ele será colocado, e harmonizar os tons com o tom geral em que esse compartimento ou quarto estiver decorado.



Nestes bordados podem empregar-se as cores variadas numa mistura oriental, como também dois ou três tons duma única cor.

Os bordados que são executados em vários tons da mesma cor oferecem um aspecto de particular beleza e suavidade.

A escala de tons dá ao trabalho um recorte

de alacridade harmonica que a mistura de cores diferentes raramente pode dar.

O canto que a nossa gravura grande mostra é um lindo desenho para uma pequena toalha de chá. Em linho, de fio grosso, faz-se este desenho com muita facilidade. Em linho creme bordado a laranja em três tons fica esta toalha uma maravilha moderna, em ponto rapido e cores vivas e lindas.

A grande perceptibilidade da gravura facilita a contagem dos pontos, podendo assim executar-se este desenho com a mesma exactidão e elegancia.

A maneira de se dividir as cores pode ser a seguinte: Para as flores, o laranja mais vivo; para a haste o laranja mais escuro; e para os pequeninos motivos em quadrado e redondo, o laranja mais claro. As cores assim ficam lindamente distribuidas e o conjunto deve ser dos mais encantadores.

Temos depois duas pequenas applicações que tem uma variada utilidade e que as leitoras conforme lhes aprouver podem aproveitar.

Sucedem-nos muitas vezes necessitar dum pequeno motivo para terminar ou enfeitar algum dos trabalhos por nós idealizado. Para o arquivo dos desenhos das nossas leitoras publicamos nós estes motivos em ponto de cruz que se podem executar numa só cor ou em várias.

Consegue-se tambem com este género de bordados a ponto de cruz lindas colchas para quartos de criança, principalmente, e para estores.

Duas das nossas gravuras são amostras da maneira como se pode bordar completamente o «store» ou a colcha, tornando assim uma fazenda lisa, num lindo tecido de fantasia.

São ambas feitas a duas cores numa harmonia certa com o seu desenho sóbrio e suave.

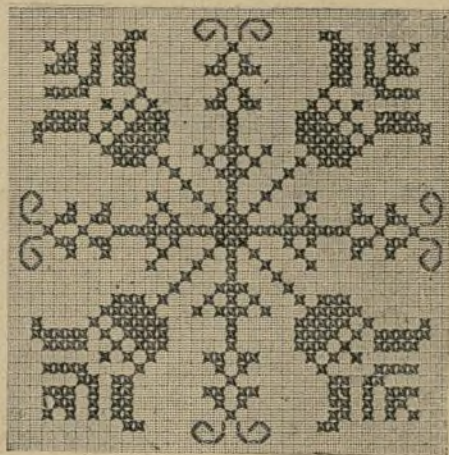
A amostra, cujo desenho forma losangos, é linda, e o aspecto geral da colcha depois de completamente bordada deve ser estranho.

Com linho, relativamente grosso, faz-se esta peça que lindamente enfeitará uma cama de criança e mesmo de senhora, podendo ser feita com bastante rapidez, pois o desenho é largo e espaçado.

A outra amostra simula umas rosas que, bordadas a dois tons de lilaz sobre fundo creme, são duma grácil elegancia e dum requinte muito pronunciado.

Damos estes trabalhos com a alegria de saber que nenhuma das nossas leitoras terá dificuldade em os executar. Com o ponto de cruz conseguem-se lindos trabalhos modernos e ao alcance de todas as leitoras, mesmo aquelas que não tem feito dos trabalhos femininos o seu passatempo.

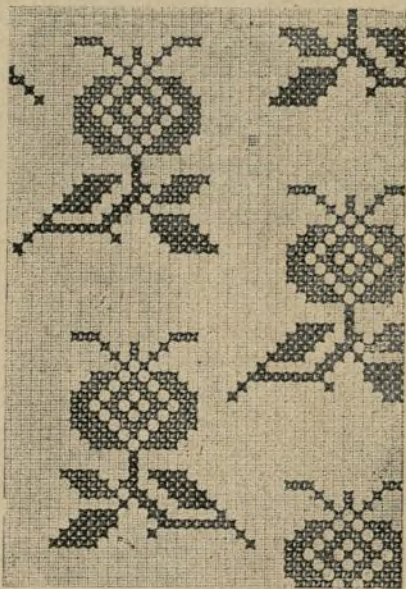
BERENICE.



NOTA: — O desenho que veio no número passado na folha de bordados, tendo como motivos principais um cavalo e um veado, é um abafador de bule.

É feito este desenho em ponto «pé de flor» e ponto de cruz.

A parte mais estreita que medeia entre as duas partes principais do abafador tem de ser repetida para a sua formação, pois constitui uma das duas partes laterais do mesmo abafador.



A FRÁGIL CRUZADA DO DR. BLONDET

Os japoneses não usam outros lenços que não sejam os de papel. E um médico francês — o dr. Blondet — entusiasmado por este nipónico costume, defendeu a sua generalização, em França, batendo-se, com denodo, contra os que se ergueram em clamorosa defesa do lenço europeu, exaltando, nele, a preciosidade do tecido, a delicadeza do desenho e, até, a beleza quasi espumante, quasi imaterial das rendas que o decoram.

Esses adversários do lenço nipónico e, portanto, do dr. Blondet, invocaram razões de ordem psicológica, altamente simpáticas e suficientemente eloquentes. Para uma europeia, as lágrimas são uma arma terrível, são o supremo recurso em todas as querelas amorosas e conjugais. O homem, mesmo o mais sensível, sente um grande orgulho nas lágrimas duma mulher. Gosta de fazer chorar uma mulher só para ver brilhar, após uma tempestade, o sol claro duma reconciliação. E seria o primeiro a protestar, a revoltar-se desde que essas lágrimas, filhas da galanteria e não da crueldade, rolassem sobre um lenço — de papel.

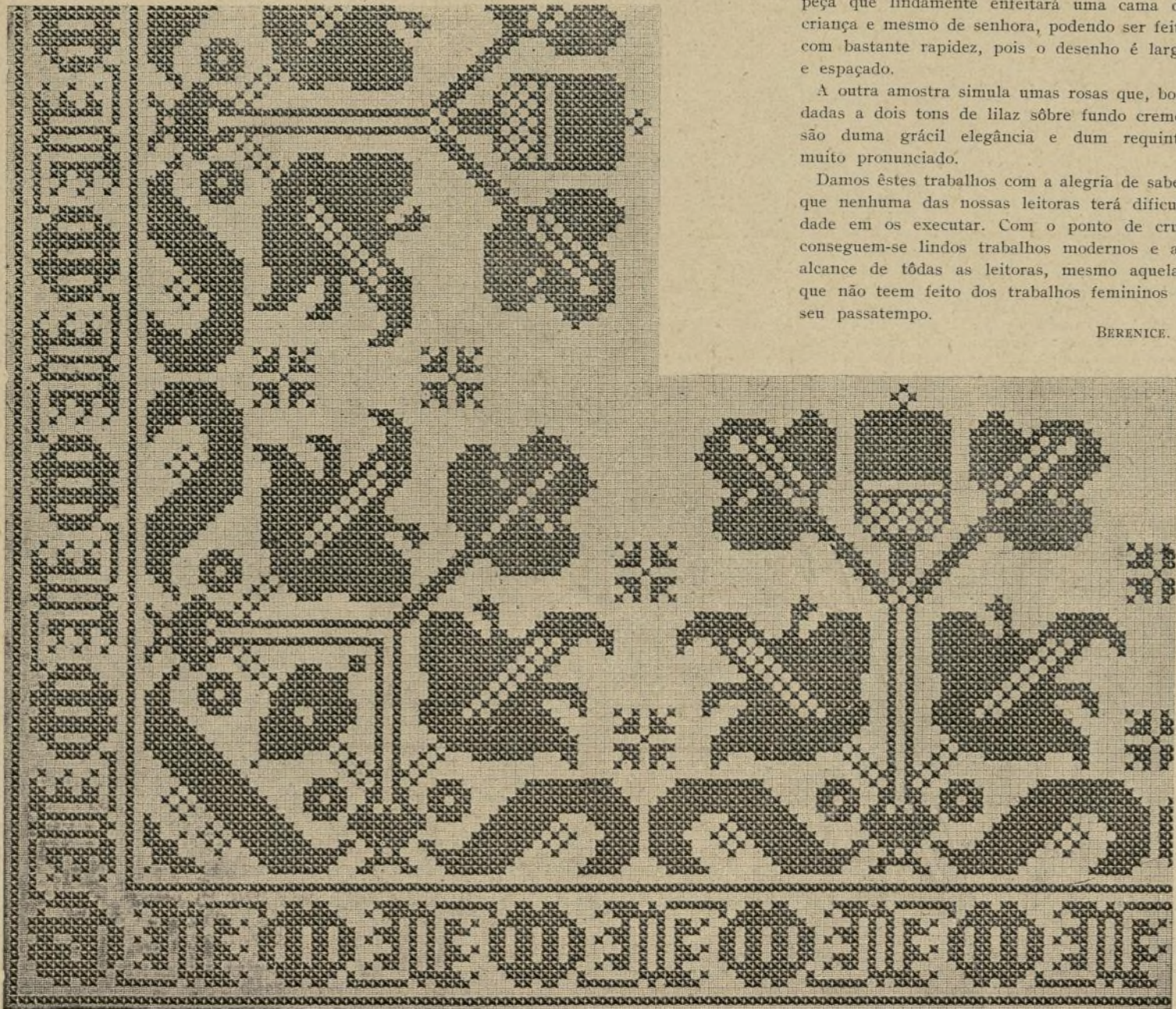
O dr. Blondet poderia obter aos seus implacáveis adversários, que dos olhos de mulheres saem, também, por vezes, e até na mais amorosa e gentil das excepções, lágrimas simuladas, e que essas teriam no lenço de papel o cemitério merecido.

Porém, a resposta a esta traçoira subtilidade, acudiria logo, abundante e fácil: se há lágrimas simuladas, os lenços das senhoras, pela sua inverosímil pequenez, não são igualmente simulados?

Pobre dr. Blondet! A sua cruzada é demasiado frágil para poder vingar. Os seus adversários podem, como último recurso, rasgar-lhe os lenços que elle advoga, em mil bocadinhos — que seriam outras tantas desilusões — de papel.

O QUE NÓS PRETENDEMOS

VOGA Não pretende ter lucros materiais com o SALÃO DA ELEGANCIA & ARTES DECORATIVAS: pretende, sim, realizar um espectáculo europeu.



A MODA mostra-se essencialmente razoável este ano. Sim: as saias são um pouco mais compridas, mas só um pouco mais. A linha geral do vestido mostra tendência para voltar aos antigos limites e as saias são um pouco mais rodadas. Quando penso nisto não posso deixar de dizer cá para comigo: «Viva a normalidade!» E todos os modelos desta estação são encantadores. Sim: sinto-me encantado com todos eles.

Antes de entrar na descrição das modas desta estação forçoso se torna render homenagem aos produtores de tecidos. A sua inspiração e o seu bom gosto deram-se as mãos amoravelmente, criando tecidos que vão bem a todas as belezas.



PAULO POIRET
(Caricatura de Maria Wassiljeff)

O que eles conseguiram pelo que respeita a roupões, casacos e vestidos, utilizando, quer a sun-tuosidade dos materiais, a beleza do desenho ou o encanto das combinações coloridas! E esta estação mais do que nunca!... Assim como o artista trabalha mais e melhor quando provido de ferramentas em termos, assim também os grandes costureiros encontram ligados ao seu génio e à sua arte, maiores incentivos e inspiração quando os tecidos são tão delicados e bellos como aqueles que, com tanta variedade, nos apresenta esta estação!

É freqüente ouvir dizer que, vestir bem, se tornou impossível para quem não fôr rico. Para ser bela, uma mulher, necessitaria, pois, de larga conta corrente num Banco. Será realmente assim? A elegância da indumentária feminina dependerá inteiramente do dinheiro?

Em última análise: a beleza só encontrará cabal expressão quando o dinheiro é atirado pela janela fora, extravagantemente? Será acaso um escândalo e uma injustiça que a beleza se torne o alvo e o ambiente de quem a ama?

As minhas impressões são exactamente contrárias a semelhante maneira de ver. Pela parte que me toca procurei sempre criar estilos que, sendo adaptáveis aos mais requintados e custosos materiais, são susceptíveis, no entanto, de



aplicação aos tecidos menos caros que adquirem as senhoras de fino e cultivado gosto, mas de recursos mais ou menos limitados e exigüos.

É uma coisa sabida que, desde tempos imemoriais, a mulher gostou sempre de se adornar com as coisas mais raras e dispendiosas. As jóias, as pedras preciosas, as pérolas, peles, fitas, etc., tudo concorreu sempre para atrair a sua atenção e a sua cubição.

Desde que um artigo é precioso, quer pelo seu preço, quer pela sua raridade, logo se torna a ambição contínua de toda e qualquer mulher.

PAUL POIRET O CÉLEBRE COSTUREIRO PARISIENSE FALA À VOGA ACERCA DA MODA DAS SAIAS CALÇAS

As criações exclusivas dos costureiros mundialmente célebres, foram erradamente colocadas na categoria das coisas inatingíveis e muitas senhoras desistiram de as possuir em virtude dos seus preços proibitivos. Ao olhar para a colecção de figurinos que actualmente estou pondo em voga, vê-se que o espantallo do preço excessivo foi posto de parte e que são susceptíveis de aquisição por banda de senhoras de fino gosto, por minguados que sejam os seus recursos.

Primeiro que tudo, deixem que lhes fale dum modelo que ilustra a minha profecia da provável adopção das calças na indumentária feminina. Houve sempre indicações seguras de um decidido interesse a esse respeito, e embora a hora decisiva ainda não tenha soado, a verdade é que não deverá tardar. As mulheres, ultimamente, começaram a usar, com graça e aprazimento, por ocasião das refeições, o smoking masculino e à certa que iremos ser testemunhas da ressurreição das saias-calças, em modelos variados, que poderão ir dos fartos calções à turca, até à calça de homem, severamente cortada. É isto uma moda que, bem o sinto, não será de curta duração: as calças vão durar com tanta persistência como os cabelos cortados. Embora a mulher, extremamente mulher, não se sinta com forças para o acreditar, o positivo é que essa moda é mais do que certa. O modelo será feito em tecido de lã muito leve, em seda e lã em dois tons, ou todo em seda. O efeito produzido será extraordinário. Por debaixo das longas tunicas haverá calças de tecidos escuros. Será isto um vestido para de manhã: o que se lhe seguir, — para de dia nas cidades, e para viagem, — terá de ser feito num desses modernos e formosos tecidos de lã. A faixa, partindo da cinta, é em tecido claro, condizendo com a cor do vestido e muito franjada.

Uma nota muito feminina irá entrando cada vez mais em voga no vestuário: os vestidos para lunch serão simples e lindos. Material empregado: sarjas combinadas com aplicações recortadas em pano dourado. É isso sugere-me combinações seguras de cor, ou combinações de tecidos.

Suponhamos um casaco para trazer na cidade, em veludo cinzento, ou veludo de lã. O acabamento da sua elegante silhueta será feito com recortes, imitando serpentes e plantas marinhas; a gola e os reveses bordados, e dum novo feitio, serão como as algibeiras, em tecido

vermelho. Tomemos em seguida, como exemplo, um roupão absolutamente feminino, em crêpe setim com o decote sobre um peitilho de outro tom, cinzento claro, com pequeninas pérolas ou simples bouquets de rosas pálidas.

Consideremos agora um fato de baile, o qual, não contente com a parte masculina ou feminina de tal indumentária, mistura ambas. A saia, com séries de franzidos ou pespontos, é completada por um colête em setim preto, malva ou azul, em tafetá ou veludo e por golas largas e respectiva gravata. As mangas, bem como a saia, levam bordados em pesponto, fazendo realçar a cor do colête.

Mas aproxima-se a noite e o novo modelo, pondo de parte todos os preconceitos, compôr-se há de pétalas de musselina sobrepostas uma sobre a outra, recortadas, bordadas e cercadas



por uma largo debrum. O peitilho é de seda em cor clara, e pode ser aberto ou fechado. Por último, um elegante casaco para de noite, em veludo de dois tons, ou também em opulento brocado, combinando-se com lamés metálicos ou veludos.

PAUL POIRET.

(Anglo-American N. S. Copyright
— Exclusivo da «Voga» —)

OS PEQUENITOS RUSSOS CRÔNICA DA SEMANA

UM dos grandes quotidianos franceses, *Le Matin*, publicava há dias um artigo sensacional, um artigo que era um verdadeiro grito de alarme: na Rússia, terra de todas as revoltas e de todas as liberdades, há sete milhões de crianças totalmente desamparadas, vadiando e morrendo de fome, entregues à si próprias e seguindo já, mercê do abandono a que, física e moralmente, foram votadas, um curso completo de banditismo!...

De tudo quanto repórteres, sociólogos e políticos teem dito acerca da Rússia, talvez seja tal artigo o mais digno de fé... As mentiras e exageros que, pró ou contra o bolchevismo chegam até nós, teem sido legião. Mas, este caso de os pequenitos russos andarem em grande número desamparados, não me repugna acreditá-lo. A mulher, sempre que um apóstolo qualquer declarar necessária a sua libertação, deve ficar logo desconfiada: examinada bem a teoria salvadora, lá se irá encontrar a escravidão mais repugnante e abjecta. Ora, na Rússia, o sentimento de família, único bastante a garantir à mulher e ao homem os seus direitos e a apontar-lhes os seus deveres, tal sentimento não existe. O regime bolchevista, em nome da liberdade do amor, deu a cada um o direito de desfazer a sua união quando lhe aprouver: daí, os filhos não serem mais do que o produto duma simples tendência animal, que cada um satisfaz quando e como lhe apraz. É claro que, admitido tal regime monstruoso, os filhos tornam-se um empecilho, uma fonte de cuidados e trabalhos, que a amoralidade leva imediatamente a pôr de parte. Resultado: os filhos das modernas uniões pertencem, não aos pais, mas ao Estado: se nos cônjuges a prazo — chamemos-lhes assim porque é verdade! — existe ainda um pouco de humanidade, ao desfazer-se a união, cada qual fica com os pequenitos que se combinaram previamente, ou então — e é esse o caso geral — os desventurados são entregues ao Estado que delas se encarrega. Os resultados de semelhante miséria são de prever: como o homem é o ser mais egoísta que há neste mundo, satisfeito que veja o seu desejo, abandona a esposa-a-dias ou a a-meses e vai procurar outra

mulher. A primeira esposa — se tal nome se lhe pode dar, santo Deus! — acabará fatalmente por abandonar ao Estado os filhos que tiver da sua união temporária... E abandoná-los há por muitos motivos: primeiro, porque eles se tornam empecilho para novas uniões; segundo, porque o sentimento maternal cederá perante os impulsos carnaes; terceiro, porque o Estado lhe faculta o meio de se ver livre dos pobres inocentes... Daqui, os sete milhões de desgraçadinhos, de que fala o *Matin*; daqui, haver-se constatado que, de vinte mil crianças registadas, por exemplo; e segundo a confissão do órgão oficial dos Soviets, dezoito mil desconheciam em absoluto os pais!...

É o regime puro da animalidade, ou antes, de coisa muito peor porque os cães não abandonam os filhos senão quando eles já não precisam dos pais para nada! É o regime da escravidão sexual, da mulher reduzida — como entre os selvagens! — à categoria de besta de prazer! É o *Matin*, proseguindo no seu relato aterrador, afirma que, entre a infinita legião de crianças desamparadas, se verificam uniões aos doze anos! e que a ladroeira, a pilhagem, o crime, são a consequência diária de tão miserável situação, pululando em redor das grandes cidades russas bandos e bandos de garotos e garotas, prostituídos física e moralmente, e morrendo de fome, de doenças, de frio e de miséria...

Remédio para semelhante desgraça? Falou-se numa subscrição universal para socorrer as desventuradas crianças... Também se alvitrou o recurso para a Sociedade das Nações... Valha-me Deus! O resultado seria nulo ou exigüamente temporário! Porque o remédio, o único, estaria em tornar effectivas as responsabilidades de quem bota inocentes a este mundo miserável. O casamento indissolúvel torna desgraçadas algumas pessoas? Mas que me importa isso a mim se, com tal indissolubilidade e à custa do sacrifício de meia dúzia, se impede o rebaixamento animal de ambos os sexos e a prostituição e morte de milhões de inocentes?

ROSA TIRANA.

OS CONCURSOS DA VOGA

AS NOSSAS LEITORAS E ASSINANTES
CONCURSO DA BELEZA

INFANTIL

VOGA, SEMANÁRIO ILUSTRADO DA MULHER e a primeira publicação do seu género, apresenta hoje as condições do concurso da *Beleza Infantil* ao qual serão admitidos os bebés das nossas leitoras e assinantes, e concurso esse que está destinado a constituir um autêntico e legítimo êxito.

AS CONDIÇÕES DO CONCURSO

serão as seguintes:

1.ª Para admissão ao Concurso da Beleza Infantil o bebé deverá SER FILHO DE UMA ASSINANTE. Serão igualmente admitidos a concorrer todos os bebés cujas mães ou pais se inscrevam como nossos assinantes.

2.ª Não terá idade superior a oito anos.

As fotografias — que deverão ser muito nítidas — têm de estar nesta redacção até ao dia 10 do próximo mês de Abril, findo o qual mais nenhuma será admitida. Um juri expressamente convidado pela *Voga* escolherá, dentre todas as fotografias enviadas, dez que apresentem autênticos modelos de beleza infantil. Esses dez retratos serão depois publicados (sem nomes, para não haver influências de espécie alguma) no número do dia 15 de Abril, ocupando uma página inteira deste semanário para que as nossas leitoras e assinantes se pronunciem acerca de 4 dos retratados, votando naquelas que se lhes afigurem os mais bellos. O resultado da votação será inserto no número da *Voga* que sai a 29 de Abril.

OS PRÉMIOS

Ao primeiro premiado serão entregues os seguintes prémios:

1.º — Todos os livros de literatura infantil editados até então pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.^{da}, bem como todos os que se publiquem do mesmo género e os quais serão enviados à mamã do 1.º premiado até que este prefaça doze anos.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Ao segundo premiado caberão os seguintes prémios:

1.º — Uma colecção completa da biblioteca infantil editada pelas Livrarias Aillaud & Bertrand L.^{da} e primorosamente encadernada.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

3.º — O retrato do premiado, grande fotografia de arte.

Aos premiados em 3.º e 4.º lugar cabem os seguintes prémios:

1.º — Retrato do premiado, grande fotografia de arte.

2.º — Uma assinatura anual da *Voga*.

As ampliações, fotos de arte, serão feitas pelo ilustre artista Mário Novais o qual, se os pais dos 4 premiados residirem na provincia, trã lá expressamente, por conta deste semanário, a fim de retratar os bebés.

As fotos de arte dos 4 premiados serão expostas no

SALÃO DA ELEGÂNCIA FEMININA E ARTES DECORATIVAS

a abrir em 15 de Maio.

Que nenhuma das nossas leitoras deixe, pois, de nos enviar os retratos dos seus bebés! Qual delas não terá orgulho em ver, arquivada nas nossas colunas, a figurinha gentil dos seus pequenitos? Qual das nossas assinantes não alimentará a esperança de que os seus bebés sejam os primeiros classificados?

Que todas, pois, concorram ao

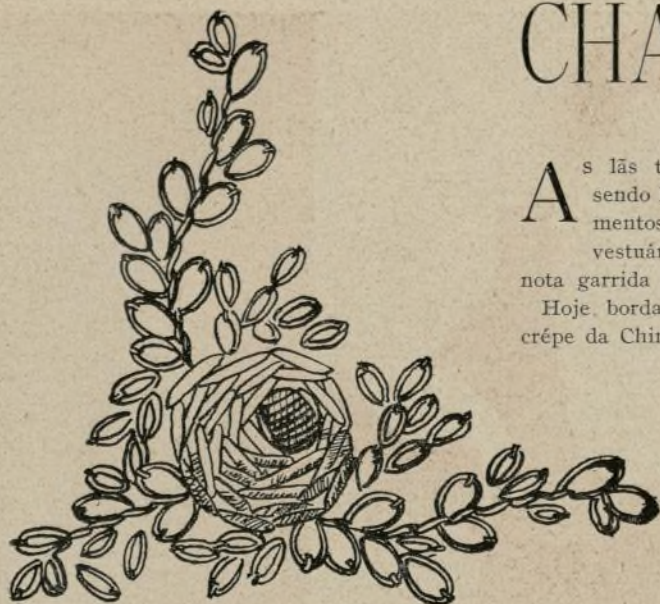
CONCURSO DA BELEZA INFANTIL

QUE NA VOGA

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER

FICA ABERTO A PARTIR DE HOJE

CHALE BORDADO A LÃS MEDICINA CASEIRA



BELEZA

BELEZA

A PELE

PARA se obter a brancura da pele e a cor nacarada que constitui o seu principal atractivo, é preciso arranjar qualquer creme ou pomada, um meio de pôr a pele a coberto das intempéries que a avermelham, por mais macia e branca que seja, tornando-a desagradável.

Dada a variedade imensa de cremes que existe hoje no mercado, difícil é a escolha.

Há, realmente, produtos excelentes, mas também os há que arruinam a pele por completo. Quais os bons? Eis aquilo a que só se pode responder depois de experimentar, e neste caso as experiências não são muito recomendáveis.

A receita que vamos dar, tão simples quanto inofensiva, está ao alcance de todos, pois que a sua despesa é insignificante:

Agua oxigenada.....	15 gramas
Agua de rosas.....	15 "
Glicerina.....	15 "

Fricciona-se a pele, levemente, duas vezes por dia obtendo-se no fim de pouco tempo resultados satisfactorios.

DEPILATÓRIO

Os depilatórios químicos são os mais generalizados. Estes depilatórios podem conseguir-se por uma bagatela, pois mandando-os fazer a qualquer farmacia não tem de se pagar a naturalmente cara despesa de apresentação.

Damos às nossas leitoras duas fórmulas, qualquer delas bastante prática:

Sulfureto de bário.....	6 gramas
Oxido de zinco.....	24 "
Carmim.....	6 centigramas

Faz-se uma pasta e applica-se misturando um pouco dessa pasta com água e deixando-a em contacto com a pele por espaço de três minutos. Depois lava-se a parte onde se applicou o depilatório verificando-se com alegria o feliz resultado.

A outra fórmula, também muito simples e prática é a seguinte:

Sulfureto de bário.....	10 gramas
Amido.....	8 "
Oxido de zinco.....	8 "

Estas fórmulas são as mais correntes e práticas, e todos os depilatórios que se vendem são confeccionados, tendo como base estas substâncias.

AS RUGAS

As rugas são inimigo mais temível de todas as senhoras. Há mesmo quem tenha um horror à velhice tão grande que prefere morrer.

Mas não é preciso remedio tão desagradável e violento.

Há maneiras variadíssimas de evitar as rugas quando elas começam a aparecer. Além de correntes electricas, massagens, etc., coisas que demandam muito dinheiro e tempo, há fórmulas várias de pomadas que as evitam ou disfarçam.

Para as evitar temos o seguinte:

Fricciona-se a pele com a seguinte solução:	
Sulfato de alumen.....	2 gramas
Leite de amendoas.....	25 "
Agua de rosas.....	100 "

Para disfarçar as rugas e fazê-las mesmo desaparecer, temos o seguinte:

Mel de Narbona.....	64 gramas
Suco de bolbo de lírio branco	60 "

e cera branca derretida em banho Maria em quantidade suficiente para fazer pasta. Com esta pomada fricciona-se muito bem o rosto.

As lãs têm feito um verdadeiro successo sendo hoje um dos mais importantes elementos para se bordar qualquer peça de vestuário em que se deseje pôr uma nota garrida e fantasista.

Hoje borda-se a lã, o próprio veludo e o crepe da China. As cores variadas e lindas que se encontram nas lãs, são os motivos que as levaram a ser escolhidas para todos os bordados modernos, alegres e matisados, quer nos vestidos femininos, quer em almofadas ou ornamentos do lar.

Uma das coisas que maior successo têm

feito são os chales em seda, fazenda ou mesmo feitos em lã, e todos bordados também a lã de cores várias.

O modelo que hoje damos às nossas

e para as folhas e margaridas o ponto de cadeia muito largo.

Hoje estes chales modernísimos e tanto em voga têm uma applicação utilíssima neste começo de primavera.

Quando o inverno lentamente, muito lentamente, nos vai deixando, agrada-nos imenso trocar os pesados vestidos de fazenda e os «sweaters» de lã por frêscos e leves vestidos de seda e algodão. Mas, como o frio não se regula pelas nossas preferências e antes segue a sua carreira natural, ei-lo que continua a fazer-nos tiritar sob as finas roupas estivais.



leitoras é de uma graciosidade e finura que certamente muito agradarão.

No crepe da China preto sobresaem as cores com uma elegância e alacridade deliciosas.

A grinalda que rodeia todo o chale é feita em lã multicôr, assim como as pequeninas flores que semeiam todo o chale.

As rosas são bordadas com simples alinhavos, que se desencontram graciosamente, em dois tons de vermelho. Vermelho claro, para a flôr toda; e, para o centro, o vermelho mais escuro. Estes dois tons de vermelho devem ser bastante diferentes. Um necessita ser bastante vivo enquanto o outro deve ser muito escuro.

As pequeninas margaridas são feitas umas, em lã violeta e outras, em amarelo, branco, ou amarelo muito escuro.

As folhas pequenas são feitas em três tons de verde e as hastes em lã castanha.

O matriz de todas estas cores é deslumbrante. O fundo negro faz brilhar intensamente cada tonalidade por si conseguindo depois torná-las num conjunto de beleza com requintes de uma elegância moderna e interessante.

Junto ao nosso modelo publicamos os desenhos da grinalda e das flores que enameiam por todo o chale.

Os pontos com que se executa esta grinalda são simplicísimos para as rosas empregam-se os alinhavos; para as hastes, ponto pé de flôr;

Pasta dentífrica

Carbonato de magnésia	5 gramas
Talco	5 "
Rizoma de iris em pó.....	5 "
Sabão medicinal	5 "
Essência de hortelã-pimenta	6 gotas

(Excelente pasta para os dentes)

Elixir dentífrico

Salol.....	2 gramas
Agua de Botot	100 "

Num conta-gotas

Dêste elixir deitam-se vinte gotas num copo de água, na qual se imerge a escôva para friccionar os dentes.

Branqueia os dentes e perfuma a bôca.

Outro elixir dentífrico:

Ácido fénico cristalizado.....	10 gramas
Timol.....	1 grama
Alcool de 9°.....	300 gramas
Essência de hortelã-pimenta.....	10 "
Tintura de cochoililha.....	alg. gotas
Uma colher, das de chá, num grande copo de água fervida.	

(Produz o mesmo efeito)

Salol.....	2 gramas
Timol.....	1 grama
Mentol	1 "
Alcool	100 gramas

Uma colher, das de chá, num copo de água.

(Produz o mesmo efeito)

DR. IGNORUS.

INGLEZ

Os livros *A Primer of English Speech* e *The English Student* pelo Tenente-coronel VELHO DE PALMA são os melhores e mais baratos para o estudo desta lingua.

Pedidos a AILLAUD, L.^{da}
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA DO CEU FOZ



Distinta cantora portuguesa cujas invulgares qualidades scenicas e formosissima voz a teem imposto como uma das nossas melhores cantoras líricas.

Está-lhe reservado um lugar de destaque na opera a julgarmos pelo êxito que ultimamente obteve em espectáculos do género.

VOGA,

SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER é a melhor e mais barata das publicações do género em lingua portuguesa.

Adquirem-se noções de todas as coisas lendo o

MAGAZINE BERTRAND



CARTA DE PARIS

Azul, verde, branco... o automóvel corre vertiginosamente. As árvores e as casas desfilam com rapidez. Não se distingue mais que as cores, azul, verde e branco.

Eis-nos chegados a uma pequena terra onde o campanário pontagudo domina toda a região. O sol resplandece, fazendo brilhar os vidros das janelas com os seus revêrberos ardentes e cercando duma auréola de luz toda a paisagem.

Nós detivemo-nos no primeiro hotel conhecido pelo seu conforto e regime.

Os quartos estão todos tomados e esta noite, ao jantar, em vez de se fazer vida de campo, quasi em país perdido, todos nos reunimos à mesa em fado de baile.

Desembaraçada da poeira dourada da estrada, pus o meu vestido de Jersey e fui visitar os antiquários do sítio.

Eis «pêlo-mêlo» gravuras e desenhos, rendas e sedas, sem contar os «bibelots», empilhados sobre as cómodas com embulidos e as secretárias em madeiras raras.

Descobri numa gaveta lindas cortinas de muselina bordada, a moda do momento, e escolhi um par para o meu toucador no campo.

Eis também tule bordado com ninhos de abelhas, finamente ornamentados.



Que lindos «chemins de table» se podem fazer com aquele tule!

Bem depressa me apoderei dum bocado, particularmente sedutor.

Eis-me de volta, carregada de embrulhos, e, imediatamente, vou para o espelho para me alinhar.

E, entretanto, vou reflectindo que vestido deveria pôr para o jantar. Qual?

O de popeline de seda cinzenta com a saia em «godets», enfeitada a nervuras e o «empêdement» em renda crème, como também os punhos; ou o vestido preto e branco, com a saia plissada, corpo aberto sobre um fundo branco? Este último tem o corpo debruado a azul e botões de alto a baixo.

O casaco combina com o vestido. Ambos me estão muito bem e, entre os dois, a minha preferência hesita...

Ternos beijos, minha querida, da tua tia

NUELMA.

VOGA, SEMANARIO ILUSTRADO DA MULHER,

é a única revista portuguesa do género que recebe directamente de Paris e das grandes capitais da Europa larga reportagem fotográfica de modelos para vestuário feminino, para o que tem contractos especiais com os maiores costureiros e fotógrafos, tanto da Cidade Luz como das outras capitais europeias.

Leiam e assinem a Voga.

O SEGREDO DE MADAME MONTEIRO

O sr. Jacinto Monteiro, à medida que os anos rolavam, sentia aumentar o ódio por sua mulher. Detestava-a pela sua altivez, pela sua superioridade de espírito e ainda por sua formosura que parecia resistir à acção do tempo.

Ela não lhe prestava a menor importância, contentando-se em responder com uma indiferença glacial a todas as violentas recriminações. O sr. Monteiro sentia a sua energia esboroar-se perante a frieza daquela mulher que o esmagava, sem gestos nervosos, nem frases violentas. E o sr. Monteiro crispava os punhos de furor, não se resignando a confessar a sua impotência. Não havia insultos que a impressionassem, vexames que a levassem a confessar a sua humilhação.

Espreitava-a sem ela saber, servindo-se dos criados para exercer uma espionagem apertadíssima. Sabia tudo o que ela fazia, tinha apontadas num *carne* todas as explicações que ela dava, na esperança de a surpreender na mais ligeira contradição. Anunciou viagens que o afastariam de casa longos dias e regressava inesperadamente, sem tirar o menor resultado. Em sua consciência, sua mulher duma natureza expansiva, incapaz de viver à margem de qualquer sentimento terno, devia desforrar-se da opressiva maneira como a tratava, faltando, de maneira grave, aos seus deveres de esposa. Mas — e a sua impotência lançava-o num incontido furor — não conseguia descobrir o menor indício da sua culpabilidade.

Uma tarde em que ele, contra os seus hábitos, ficara em casa, notára ao retinir a campainha do telefone, que sua mulher estremecera ligeiramente. Antes que ela fizesse um gesto, entregou-lhe o aparelho. Ela, com serenidade, chamou a criada para atender o telefone.

— Chamam pela senhora — esclareceu a serva.

O marido deitou, nervosamente, a mão ao auscultador e dissimulou a voz. Passado um minuto, cortava a ligação e gritava enfurecido:

— Um homem que não quizesse o nome... Deve ser o teu amante.

— Talvez — retorquiu-lhe sua mulher encolhendo, desdenhosamente, os ombros.

Todos os dias, à mesma hora, retinha a campainha do telefone. Era sempre a mesma voz e a recusa obstinada em dizer o nome intrigava sobremaneira o sr. Monteiro. Recorreu a uma agência de investigações policiais, a fim de desvendar o mistério daquelas chamadas telefónicas.

O director da agência, ante a perspectiva duma esplêndida gratificação, prometeu incumbir-se pessoalmente do assunto. Pediu ao sr. Monteiro que desse a maior liberdade a sua esposa, única maneira que lhe permitiria descobrir o segredo em que talvez sua honra estivesse sendo gravemente lesada.

O sr. Monteiro concordou, sofrendo com resignação, a tortura de ver sua mulher passar

quasi todo o tempo fora de casa, frequentando a miude teatros e cinemas e comparecendo a todas as festas de beneficência. Os dias passaram lentos, as semanas sucederam-se sem que o director da agência tivesse descoberto o amante, o amante que o sr. Monteiro supunha existir na vida de sua mulher.

Pálido de furor, chamou-o uma tarde ao seu gabinete e teve com ele uma explicação enérgica.

— O senhor — gritava o sr. Monteiro vibrando de indignação — é um inepto. Em vez de descobrir o amante de minha mulher, inventou um processo de me extorquir dinheiro, vivendo há dois meses, à minha custa, uma existência principesca.

O director da agência, puxou plácidamente da carteira, tirou dela um envelope fechado e disse secamente:

— Aqui tem todo o dinheiro que me entregou. E, de hoje em diante, considero-me dispensado da missão de que me incumbiu.

Todos os pedidos do sr. Monteiro foram inúteis para o dissuadir da sua atitude. E, quando, de chapéu na mão, se preparava para sair, a mulher do sr. Monteiro surgiu no limbral da porta, forçando-o a deter-se.

— É o senhor que me persegue há dois meses, por toda a parte, feito espião a soldo de meu marido?

— Exactamente — fez o director da agência muito sereno.

— E acaba de lhe entregar todo o dinheiro, com que ele mantinha as despesas da sua espionagem?

— Exactamente.

— Então, tenha a bondade de sair.

O sr. Monteiro, que assistira a toda a scena sem dizer uma palavra, caíra num *fautouill* como que petrificado. Sentiu-se, inexoravelmente, vencido. Então, calcando, nesse momento, todo o seu orgulho, estendeu as mãos para sua mulher, num gesto largo, quasi trágico, suplicando-lhe perdão.

— Perdão-te porque desconfiastes de mim.

O sr. Jacinto sorriu, revelando, com insolência, a alegria do seu fácil triunfo.

Porém, sua mulher olhou-o com o mesmo desdém com que sempre o esmagara, deixando cair, de seus lábios crispados, uma cruel insinuação:

— Não te disse quem me telefonava.

O marido avançou para ela, gritando alucinado:

— Depressa... depressa... diz quem te telefonava.

A mulher, endireitou o busto, deliciosa pela sua formosura que sua coragem e altivez mais realçavam, replicou:

— Sabê-lo-hás no dia em que mereceres alguma coisa mais do que o meu desprêzo: o meu amor.

HELENA DE GUSMÃO.

NOÇÕES UTEIS

NA COSINHA

Uma das bases inherentes ao bom governo de uma casa é a devida utilização do tempo necessário à confecção dos vários pratos de um almoço ou jantar.

Assim é, sempre da maior vantagem, para evitar precipitações prejudiciais à calma e método imprescindível num lar moderno, conhecer-se de antemão o tempo que os vários produtos vegetais ou animais necessitam para ser cosinhados.

Nas Escolas Culinárias americanas e inglesas, uma das primeiras lições do curso de mães de família e boas donas de casa, consiste em aprender a seguinte tabela referente ao tempo necessário que os vegetais abaixo indicados deverão estar a coser ao lume até estar prontos para ser servidos:

Batatas, 20 a 30 minutos, conforme as suas dimensões.

Conves (novas) 20 a 25 minutos.

Conves flôr ou bróculos, 20 minutos a meia hora.

Cenouras novas, 3 minutos a 3/4 de hora.

Cenouras, meia hora.



Modelo a que se refere a nossa carta de Paris

Espinafres, 15 a 20 minutos.

Baterraba, 1 hora.

Ervilhas, 15 a 20 minutos.

Feijão verde, meia hora.

Oportunamente nos referiremos a outros géneros.

OVOS MEXIDOS

Ovos mexidos devem sempre ser cosinhados a lume brando, mexidos constantemente e sempre na mesma direcção, até que estejam suficientemente pastosos para conservar a sua forma própria.

A melhor maneira de servi-los será sobre uma torrada, uma folha de alface ou algumas rodela de tomate.

"VOGA"

PREÇOS DE ASSINATURA

	3 meses	6 meses	1 ano
Continente, Ilhas e Espanha	17\$00	32\$00	62\$00
Exemplares registados.....	22\$00	42\$40	82\$80
Africa Ocidental e Oriental	35\$00	68\$00	
Exemplares registados.....	45\$40	88\$80	
India, Macau e Timor.....	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	46\$40	90\$80	
Brasil	36\$00	70\$00	
Exemplares registados.....	56\$80	111\$60	
Estrangeiro	40\$00	78\$00	
Exemplares registados.....	60\$80	119\$60	

NUMERO AVULSO Esc..... 1\$50

Dirigir pedidos ás Livrarias Ailland e Bertrand, R. Garrett, 73-75.



Raparigas alemãs treinando-se num moderno jogo desportivo.

LOIE FULLER

COM poucos meses de intervalo desapareceram duas das mais célebres bailarinas. A primeira foi a genial Isadora Duncan, duas vezes grande, duas vezes célebre pelo seu gênio e pelo seu sofrimento. E esta Loie Fuller que a morte há pouco levou, foi também uma grande artista e uma grande desgraçada.

Nascida em Chicago, sofreu durante longos anos, sob o mais completo anonimato, uma existência quase vil à força de ser inferior e miserável. Actriz sem categoria e sem público, viajou através do globo em *tournee*, mal ganhando para comer, passando as mais dolorosas necessidades.

Um dia deram-lhe, numa bizarra peça espi-rí-ta, um papel que embora secundário na obra, era pouco vulgar: Loie Fuller tinha de fazer de alma, envolvida em gases muito leves e transparentes. Esse papel que era, principalmente, rico em movimentos e atitudes, fez-lhe nascer, penetrante e dominador, o amor pela dança.

Loie Fuller teve de fazer de alma para descobrir a sua verdadeira alma. Mais tarde, quando ensaiava um bailado ao espelho, um raio de luz revelou-lhe um efeito inesperado e emotivo. Daí nasceu a sua ideia de utilizar para a sua dança, a luz, em todas as cambiantes. E com a ideia veio-lhe, em pouco tempo, a celebridade.

Paris aplaudiu-a, com frenético entusiasmo, a primeira vez que ela exibiu a *Dança Serpentina*, a *Dança do Fogo* e a *Borboleta*. E, aplaudindo-a, consagrou-a.

Os admiradores surgiram de todos os lados e tornaram-se multidão. A «maga das chamas», como lhe chamavam, chegou a ser quase objecto dum culto. Depois, quando o encanto efêmero da sua inovação passou, Loie Fuller continuou sendo célebre, provando com rasgos plenos de audácia e de talento, o seu parentesco com a grande, com a maior de todas: Isadora Duncan.

O PERFUME E A MULHER

O perfume é para a mulher o que o aroma é para a flor. Flor sem aroma é, no conceito dos mortais, flor sem vida. Mulher sem perfume é, sob o mesmo critério, mulher sem alma. Sua beleza torna-se fria, parece insensível; dá a impressão de ter perdido a palpação comovida e divina, necessária à vida, indispensável ao amor...

Mulher que ama a vida, adora o perfume com uma paixão absorvente, fatal. Mulher que se não perfuma, abdica. Atravessa a existência, num silêncio, feito simultaneamente de banalidade e de tragédia.

Dir-se-há que as mulheres se perfumam para os outros, para a sociedade. Essa afirmação, que constitui uma meia verdade, é duma falsidade transparente. A mulher perfuma-se, em primeiro lugar, para ela. Só em aspirar uma essência fina, todo o seu ser vibra em estranhas e, por vezes, voluptuosas emoções. Basta observar uma mulher aspirando um perfume, encerrado num frasco de forma bizarra, para se reconhecer esta



verdade, tão simples e tão antiga. Uma vida misteriosa percorre-lhe as veias; o corpo tem modulações subtis e o seu rosto anima-se duma fina coloração e duma vida ardente. Através do brilho excitante dos seus olhos se adquire a certeza forte e axiomática de que, se respirar é viver, aspirar um perfume é erguer um trono de felicidade e de beleza à existência duma mulher — de todas as mulheres...

COMO SE VIVE NO PAÍS DA QUIMERA

A grande tragédia moderna, não a dos povos, mas a dos indivíduos, a que interessa aos psicólogos e não aos historiadores, é íntima, dissimulada, raras vezes saindo das quatro paredes impenetráveis dum cérebro.

Essa tragédia nasce do descontentamento da maneira como se vive, em virtude da aspiração, latente e secreta, sobre o modo como se desejava viver. Essa ambição, na maioria dos seres humanos, nunca se expande; fica, até ao derradeiro dia, sepultada na resignação com que se aceita o destino. E são esses os



mais felizes: conseguiram combater o Mefistofeles que lhes soprava o bafo demoníaco do eterno e simbólico regresso do Fausto à juventude, vivida entre o esplendor da noite de Walpurgis e o abismo a que ela conduz.

Os outros, os que se bateram contra o destino, os que procuravam arrancar da sua alma uma outra alma; brincar a sério com a vida escamoteando as grades dessa grande prisão, que é para o homem a sua própria personalidade, com a habilidade dum *jongleur*, ficarão sendo os naufragos das tempestades do maior dos oceanos — o da sua existência. São, no teatro, os actores que estudam conscienciosamente o seu papel, chegando, após mil esforços e inenarráveis torturas, a delinear-lo com exactidão, mesmo com a garra do gênio para, afinal, o reproduzirem da maneira mais caricata e execrável. Sonham o triunfo, com a multidão nivando de admiração, e a realidade dá-lhe, em sarcástico contraste, a multidão esfarapando-lhe o sonho, com todo o ruído barbaresco duma pateada clamorosa; são, na arte, os pintores em busca duma obra prima, original e revolucionária, que só na sua imaginação, tão morbida como fogosa, existe, e que acabam tragicamente na mediocridade da pintura das letras de taboleta ou no suicídio como o Claude Mouret, de Zola; são, na literatura, os escritores que têm uma visão crítica extraordinariamente lucida, com clarões estranhos de verdade e de beleza; que conhecem maravilhosamente todas as sendas do triunfo, sem que afinal consigam enegrecer de tinta e de talento as tiras de papel em branco, rasgadas com a raiva da impotência por mãos trémulas e convulsas; são, no comércio, os que abrem falência com o recurso exasperado que arrasta ao suicídio, ou a resignação que dá um final de miséria com uma decoração de farrapos.

Eternos mártires perseguidos pela eterna ironia do destino, zombados no seu martírio e na sua desilusão, quem os colocará um dia àquela altura apoteótica em que a sociedade, por piedade e por capricho ergue um trono, desdenhando conhecer os méritos do soberano que nele pretende instalar?

Dos resignados, que são os felizes, não reza a história. Mas falam e, abundantemente, o romance, a novela e a crônica. Cruzamo-nos com eles na rua, viajam no nosso compartimento dos combóios, sentam-se a nosso lado, no *fau-teuil* do teatro. E são todos nossos conhecidos; de olhos cerrados citamos seus sonhos irrealizáveis, suas impossíveis e platónicas aspirações.

Imaginemos a rapariga que ambiciona ser bailarina. Em nossa mente, ela desenha-se sem uma omissão de importância, sem a falha dum pormenor, mesmo secundário. Vislumbramos-lhe a lentidão dos seus movimentos, a languidez enfermiga das suas atitudes. Arrasta à sua volta uma reputação de ser apático e distraído, sem que alguém repare que os seus olhos velados duma intensa melancolia têm fugitivos relâmpagos, se animam de estranhas fulgurações. A paixão gira, numa vida ardente, misturada no sangue, pelas suas veias. E, no teatro, ao ver surgir a bailarina, a bailarina que

ambiciona ser, não a abandona um segundo, retendo, principalmente, o que há de mistério na sua arte, que escapa ao público e passa despercebido a muitos críticos mas que ela advinha, mesmo nos lances mais rápidos e subtis.

Em casa, e no seu quarto, no silêncio dum prédio adormecido, ensaia ao espelho as atitudes da bailarina, procurando fazer viver, no seu corpo, a graça perversa e coleante em que os sentidos desenrolam seus tentáculos poderosos e terríveis. Mas, apenas, o espelho reproduz o pudor, em revoltas instintivas, do seu corpo de linhas harmónicas cuja pureza fica inquebrantável, resistindo vitoriosas às incoerências da sua imaginação incandescente.

Pobre bailarina que ficará para sempre no casulo onde a crisálida só nasce — morta!

Aquêle pobre diabo cuja existência se desenrola, monotona e cinzenta, no recanto mais sombrio da mais ignorada e anacrónica repartição de Estado, e se comprime num orçamento modesto, pleno de apertos de bolsa e de forças economias, é devorado pela paixão do luxo, de todos os esplendores da vida mundana, não dá um passo para atingir o seu ideal, e vive quase com a imobilidade dos paráliticos. Como ele desejaria possuir um automóvel de cara e afamada marca! E quando se deita sem sono agita-se na evocação de velocidades que dão a vertigem, mas no vasto mundo do subconsciente. Como é cardíaco, os seus sonhos projectam-se no mundo fantástico dos angustiosos pesadelos. E, acorda arrepiado de pavor, palpando o peito por onde passaram automóveis, esmigalhando-lhe a carne. Já de olhos desmesuradamente abertos pelo terror julga ver, no seu quarto acanhado e modesto, automóveis destruindo-se, dividindo-se e sub-dividindo-se em todas as suas peças que, apesar de isoladas, parecem ainda possuir a vida diabólica das velocidades irreais.

Metam este adorador fanático das velocidades dentro dum automóvel, e façam o carro rolar a 40 à hora. Ele empalidecerá de medo; seu rosto ganhará tons lívidos de cadáver. O seu automóvel não tem existência real, é cons-



truído peça a peça pela sua imaginação, essa suave companheira dos homens que triunfa sempre da realidade, porque com ela se não confunde — e nem sequer pensa em disputar-lhe um pedaço do areal movediço em que ela domina, implacável, os seres e as coisas...

CRISTIANO LIMA.

ATENÇÃO

ESTÁ INICIADO o curso de Desenho por correspondência mas pode ainda inscrever-se pois começará pelas primeiras noções.

CURSO DE DESENHO POR CORRESPONDÊNCIA

NO SALÃO BOBONE

O PINTOR JOSÉ TAGARRO INAUGURA A SUA EXPOSIÇÃO AMANHÃ, SEGUNDA-FEIRA, 12

José Tagarro, cuja bela alma de artista as nossas queridas leitoras por mais duma vez tem tido o prazer de apreciar nas nossas colunas é, além dum magnífico ilustra-



Um adorável desenho de José Tagarro

dor, um vigoroso pintor de óleo e excelente desenhador a lapis.

É assim que Tagarro vai ter ocasião de se afirmar, de evidenciar nitidamente a sua arte masculina, sábia, com uma segurança digna dum triunfo.

Grande número de trabalhos expostos tratam de mulheres ou são até retratos de mulheres. Como interpretará a beleza feminina, delicada e subtil, este vigoroso desenhador, que quase esculpe com o pincel? Terão oportunidade de o verificar as leitoras que no próximo dia 1 e 2 acorrerem ao «vernissage» do brilhante pintor — e, asseguramo-lo, vão ter a surpresa de constatar que, sensibilidade apurada de artista, Tagarro soube compreender e sentir a beleza que desde tempos imemoriais os artistas e os poetas tem sido incansáveis em glorificar — a beleza da Mulher.

LER SEMPRE A
VOGA
LER SEMPRE
a rainha das publicações
femininas portuguesas
e organizadora do
grande e esplendoroso
SALÃO DA
ELEGANCIA
FEMININA

que será também um
inédito certame de
ARTES DECORATIVAS
e, ainda, um raro e
elegante espectáculo de
BELEZA, DISTINÇÃO
E BOM GOSTO.

ECOS E
COMENTÁRIOS

OS ÚLTIMOS ABENCERRAGENS DA VALSA

Vozes do passado, dum eco quasi extinto, erguem-se para lamentar, melancolicamente, as velhas danças. «Para que servem as danças modernas» — inquirir, com desdem, sexagenários protestantes — «se elas não conseguem igualar, ao menos igualar, a valsa de subtil enervamento, a mazurka langorosa, a nobre alegria dos lanceiros e a quadrilha tão alvoroçada e púdica?»

Neste protesto há uma grande, mas perdoável, injustiça. Todos ficam fiéis à época da sua mocidade que foi, mas só para eles, a melhor época.

É inútil replicar que o ritmo das danças antigas se não coaduna com a vertigem da vida moderna, com as velocidades de 200 a 300 quilômetros à hora, com as grandes máquinas e a T. S. F. É mais inútil ainda dizer-lhes que as danças modernas tem sobre as antigas as mesmas vantagens que o «Rolls-Royce», confortável e veloz, tem sobre a velha, dura e lenta diligência dos nossos avós.

Essas vozes que querem ser escutadas não tem a menor disposição para escutar aqueles a quem se dirigem...

AS PRINCIPAIS VITIMAS DA MODA

As principais vítimas da moda são, incontestavelmente, os animais de pelo e as aves. O dr. Marshall declarou, ultimamente, numa conferência que fez em Londres, que, nas regiões articas, os caçadores fizeram uma tal razzia que lhes é, agora, necessário uma semana e mais para matar uma marta, uma lontra, uma raposa azul ou uma chinchilha.

É devido a essa circunstância que as peles tem atingido preços fabulosos e que o coelho, sucedâneo dos animais acima citados, se tem valorizado duma maneira considerável.

Quanto aos pássaros, se não fôsse a lei inglesa que os protege, não haveria em toda a África do Sul uma só garça branca de poupa ou uma única ave do paraíso. A destruição foi tão intensa que quaisquer dessas aves são, ainda hoje, extremamente raras.

TENACIDADE BRITÂNICA

VOLTAIRE, quando estava em Ferney, era a miúdo visitado por admiradores que vinham de todas as partes do mundo, para ter o prazer efêmero de trocar algumas palavras com esse famoso escritor.

Voltaire, num dia de mau humor, recusou-se a receber um inglês, alegando que estava doente. O súbdito de Grã-Bretanha insistiu. E Voltaire gritou, irritado, para a criada:

— Diz-lhe que estou na agonia.

Uma hora depois, o inglês ainda não tinha desistido e, como lhe dissessem que Voltaire acabava de falecer, ripostou fleumático:

— Paciência. Não me vou embora sem ver o seu cadáver.

Voltaire queimou, então, o último cartucho:

— Diz-lhe que já me enterraram e que o Diabo me levou o cadáver.

Só diante desta manifesta impossibilidade o inglês resolveu retirar-se, desistindo de ver o autor de *Candide*.

MISTINGUETTS... DE MAIS

MISTINGUETT teve há dias o vaidoso desejo de procurar passar por uma artista excessivamente modesta. Interrogada sobre a maneira como fazia rir o público, declarou:

— Não tenho nisso o menor mérito. Para fazer rir o público limito-me a divertir-me eu mesma.

Se tal afirmação não passasse duma espirotuosa boutade, quantas Mistinguett não haveria por esse mundo de Cristo.

É as pessoas sizadas, graves, que tem o culto do bom senso e da austeridade, já há muito teriam perguntado, com legítimo mau humor:

— O senhor não acha que há, neste mundo, Mistinguett de mais.

Provavelmente há.

LADY ASQUITH

A morte de Lord Asquith fez convergir, ultimamente, a atenção do mundo sobre a viúva do célebre político inglês.

Senhora duma elevada inteligência e duma sólida cultura, lady Asquith aconselhou, muitas vezes, seu marido nos lances mais perigosos da sua carreira política, e este, a pesar das suas invulgares qualidades, nunca deixou de escutar suas opiniões.

Dela se conta a seguinte anedota, ocorrida durante uma viagem ao Canadá, e que revela bem a sua extrema simplicidade:

— Conhece, com certeza, toda a aristocracia inglesa? — perguntou, curiosa, uma senhora canadense.

— Nem por isso — retorquiu lady Asquith. A minha aia conhece-a melhor do que eu...

PARA OS BÉBÉS DAS NOSSAS LEITORAS
JOÃO SINHO E MARGARIDINHA

JOÃO SINHO e Margaridinha eram de uma família muito pobre. O pai e a madrasta, um dia, não tendo que lhes dar a comer, levaram-nos para uma floresta que ficava muito longe de casa e, chegados lá, como a certa altura vissem os dois pequenitos a dormir muito socegados debaixo de uma árvore,



fugiram a toda a pressa deixando-os para ali, sósinhos e desamparados.

A madrasta, essa andava ainda mais depressa do que o marido porque tinha verdadeiro ódio às duas pobres crianças.

João Sinho e Margaridinha ficaram muito cheios de medo quando acordaram. Estavam completamente sósinhos, como já lhes disse, meus meninos, e, muito embora procurassem o caminho para casa, não houve maneira de conseguir dar com ele. Choraram, choraram muito mas, por fim, resolveram ir por ali fora em procura de alguém que os recolhesse e lhes desse de comer porque estavam mortinhos de fome. Pouco depois chegaram junto de uma linda casinha que lhes fez logo crescer água na boca: a tal casinha era toda feita de pão de ló, bolos e torrões de assucar.

João Sinho partiu logo dois pedaços do telhado e Margaridinha tirou um bocadinho de uma janela. E puzeram-se a comer. Nisto, porém, safu lá de dentro, escamada que nem uma barata, uma velha, muito velha, e feia como a noite dos trovões! Era uma bruxa, meus lindos meninos! E que bruxa, Deus do céu!... Imaginem, que a grande patifa da bruxa tinha feito a casa com bolos, pão de ló e torrões de assucar porque sabia muito bem que os meninos todos são sempre gulosos! Assim, estava certa de que, todas as crianças que passassem por ali, não deixariam nunca de tirar um bocadinho da casa para tasquinhar: a bruxa vinha cá fora, apanhava os meninos e zás! comia-os logo! Que grande patifa!

Mas, naquela noite, a bruxa deu-lhes de ceiar e, depois, disse-lhes que se fossem deitar. As camas eram excelentes, e os pequenitos dormiram que foi um regalo. No dia seguinte, porém, tudo mudou: João Sinho foi metido



numa gaiola e Margaridinha teve de fazer comida para ele porque, a bruxa, queria-o bem gordinho para depois o cosinhar e comer. Todos os dias a bruxa lhe dizia:

— Bota um dedo fora da gaiola para eu ver se tu já estás mais gordinho!

Mas, em vez do dedo, João Sinho pegava num ossinho da comida e, metendo-o pelas grades mostrava-o à bruxa: esta apalpava o ossinho, não percebia o engano porque via muito pouco, e ia-se embora resmungando:

— Não! por enquanto ainda não te como! estás mesmo pélo e osso!... Vamos a ver amanhã!

Passaram-se quatro semanas e nada! João Sinho, em vez de dar o dedito à velhorrá, metia sempre um osso pelas grades e a velha lá ia-se embora, resmungando sempre:

— Nada! ainda não estás gordinho para assar. Vamos a ver amanhã!

Por fim a velha acabou por perder a paciência e resolveu-se a comer o pequenito, estivesse ele como estivesse: gordo ou magro.

— Margaridinha! — gritou ela cheia de raiva — vai buscar água! Hoje, esteja ele magro ou gordo, vou matar o João Sinho e assá-lo no forno! Olarila!...

E a pobre da Margaridinha foi obrigada a pegar numa caldeira e a ir buscar água. Depois a bruxa mandou-a acender uma boa fogueira.

— Primeiro que tudo vamos cozer pão — dis-

se a bruxa. — Eu já aqueci o forno: trepa para ele e vê se já estará bem quente!

O que a bruxa queria era que a linda menina trepasse ao forno porque, depois, dava-lhe um empurrão, a Margaridinha caía lá dentro, e a bruxa deixava-a ficar a assar, a assar, para depois a comer juntamente com o irmãozinho.

Mas a Margaridinha percebeu logo o que a bruxa queria e, como era muito esperta, disse:

— Oh minha senhora, eu não sei fazer isso... Não posso entrar lá dentro: não caibo pela porta...

— Oh minha estúpida! pois tu não vez que a boca do forno é larga bastante para ti? Querres ver, minha estupidíssima?

E meteu a cabeça dentro do forno, para a Margaridinha ver como se fazia...

Quando a bruxa, porém, meteu a cabeça no forno, Margaridinha deu-lhe um empurrão, a velha zás: caiu lá dentro e lá ficou a gritar, enraivecida, e a dar estoiros que nem uma castanha porque a Margaridinha fechou logo, logo, a porta do forno.

Em seguida Margarida correu para a gaiola aonde estava fechado João Sinho e abriu-lhe a porta:

— João Sinho, salta cá para fora: a bruxa caiu dentro do forno e morreu.

E puzeram-se a correr a casa toda. Dentro em pouco encontravam cestos cheios de perolas e pedras preciosas.

Encheram as algibeiras com elas. E Margaridinha, como já não tivesse mais bolsos aonde as meter, erguen o aventalinho e encheram também.

— Agora precisamos de nos pôr de aqui para fora quanto antes, Margaridinha, e de sair também desta floresta encantada — disse João Sinho.

Puzeram-se a andar, a andar, a andar sem-



pre e, ao fim de umas duas horas de caminho, encontraram-se defronte duma larga ribeira.

— Agora é que não sei como isto há de ser! exclamou João Sinho. — Não a podemos passar e não vejo aqui ponte nenhuma!

— E não há nenhum barquito — disse Margaridinha. — Mas, lá vem a nadar um ganso branco. Vou-lhe pedir que nos ajude a passar a ribeira.

E assim fez. O ganso branco aproximou-se da margem da ribeira; João Sinho sentou-se-lhe em cima e disse à Margaridinha que fizesse o mesmo.

— Não! — disse a linda menina — isso seria carga demais para o ganso branco. Iremos, cada um, por sua vez.

Então o ganso levou João Sinho para a outra margem. E depois veio buscar Margaridinha. Quando ambos se encontraram a são e salvo, puzeram-se a caminhar e chegaram a um bosquequinho que conheciam muito bem porque por ali tinham passado muitas vezes. Por fim avistaram a sua casinha e desataram a correr para lá, indo cair nos braços de seu pai-sinho que estava a chorar. O pobre homem nunca mais tinha tido uma hora de alegria desde que abandonara os seus filhinhos na floresta! A madrasta de Margaridinha e João Sinho, essa tinha morrido.

Então Margaridinha abriu o seu avental, deixando cair no chão as perolas e as pedras preciosas. E João Sinho começou a tirar das algibeiras também pedras preciosas e perolas às mãos cheias. De maneira que, dali em diante nunca mais houve miséria naquela casa e todos foram muito, muito felizes.

E aqui se acaba a história, meus lindos meninos... Lá vai, lá vai um rato a fugir: se alguém o apanhar pode mandar fazer um grande, grande, muito grande chapéu com a pele do rato!...

(Adaptado do alemão, dos Irmãos Grimm).

RECEITAS
DE COSINHACABEÇA DE VITELA COM MOLHO
DE VILÃO À FRANCESA

Suponhamos ter à nossa disposição uma cabeça de vitela, com a língua e sem os miolos; corte-se em bocados proximamente iguais e detem-se estes de molho, em bastante água fria para os lavar bem.

Ponha-se ao lume uma panela contendo água temperada com sal e deixe-se ferver. Quando a água estiver em ebulição, deitem-se-lhe dentro os bocados da cabeça de vitela, mexa-se, deixe-se ferver, e depois tirem-se os bocados da cabeça com a escumadeira e mergulhem-se em água fria, cerca dum decilitro de bom vinagre, sal, uma cebola de grandeza mediana, seis cravinhos da Índia, uma cenoura grande cortada em rodas e um ramo de cheiros. Deixe-se coser durante quatro horas em fogo lento, escorram-se os bocados sobre um pano e coloquem-se sobre o prato em que hão-de servir-se.

Deitem-se numa molheira duas colheres sopeiras de bom azeite, uma pitada de sal refinado, uma pitada de pimenta, uma colher sopeira de vinagre, um bocadinho de salsa picada, um dente de chalota picado e um pouco de caldo que resultou da cosedura da vitela (quente) misture-se tudo e sirva-se com o prato acima indicado.

CARNES ENROLADAS ESTUFADAS

Toma-se meio quilo de carne de vaca, do assem limpo; igual porção de carne de porco e outro tanto de vitela. Corta-se a carne em fatias, que se batem até ficarem bastante chatas e macias. Temperam-se as fatias com sal fino e pimenta e colocam-se, primeiro, a carne de vaca, por cima a de porco e em último lugar a de vitela.

Forma-se um rolo bem apertado com estas fatias. de carnes e liga-se com um cordel. Lardeia-se este rolo, como se fôsse uma peça inteira, põe-se em seguida numa caçarola uma boa colherada de gordura de porco, deixa-se derreter e, quando está bem quente, deita-se-lhe dentro o rolo das carnes, ao qual se dão algumas voltas; juntam-se cebolas de grandeza média, em rodas finas, decilitro e meio de vinagre e três decilitros de água. Cobre-se então a caçarola e sustenta-se um fogo igual durante hora e meia aproximadamente. Quando as carnes estão suficientemente passadas, tira-se o rolo da caçarola, cõa-se o molho por crivo fino, devendo ficar espesso, junta-se-lhe um pouco de açúcar pilado, deixa-se ferver algum tempo, mete-se-lhe dentro a carne, junta-se-lhe mais um pouco de vinagre, cobre-se e deixa-se ferver com lume forte, tendo cuidado em evitar que a carne se queime, para o que também se lhe junta um pouco de água de tempos a tempos.

Depois tira-se o cordel que aperta o rolo, corta-se este em fatias redondas, que se dispõem sobre a travessa e se guarnecem com batatas assadas, inteiras.

EMPADAS DE SARDINHA À MODA
DE BRAGANÇA

Toma-se um quilograma de massa de farinha de trigo, lêveda, deitam-se-lhe 12 ovos, um pouco de sal fino e dois decilitros e meio de bom azeite quente; liga-se tudo muito bem, de modo que fique uma massa perfeitamente uniforme e bastante fluida. Em seguida, acrescenta-se-lhe farinha, pouco a pouco, amassando até que a massa fique enxuta. Esta massa é dividida em duas partes, proximamente, iguais; metade estende-se à mão em rectângulo e coloca-se dentro dum taboleiro de ir ao forno, com 0,30 de comprimento por 0,20 de largo, muito bem untado com azeite, e dá-se-lhe a forma do taboleiro.

Numa caçarola deitam-se bastantes rodas de cebolas, com muito azeite e deixam-se começar a alourar, só começar. Tiram-se as cebolas e, no azeite, deitam-se sardinhas limpas e dá-se-lhes uma passagem rápida.

As sardinhas, assim preparadas, dispõem-se no taboleiro formado de massa; por cima delas dispõem-se as rodas de cebolas e rega-se tudo com azeite da caçarola. Por cima põe-se uma tampa formada com a outra metade da massa, tampa que entra neste taboleiro e sobre a qual se rebatem as paredes do mesmo taboleiro.

Depois do empadão fechado enfeita-se com sulcos feitos na massa e deixa-se repousar por algumas horas para que a levedura que existia na massa primitiva produza uma certa fermentação e a massa, depois de cosida, fique muito fôfa.

DÓCES

BOM BOCADO À BRASILEIRA

Juntam-se a meio quilo de açúcar em ponto de cabelo, depois de frio, 500 gramas de amêndas bem pisadas, de modo que formem massa; 11 gêmas de ovos e um ovo inteiro, bem batidos; um pires de doce de chila e uma porção de canela em pó.

Serve-se tudo a um lume brando, mexe-se sempre para o mesmo lado, e depois de pronto, deita-se em pequenos copos, polvilhando o doce com canela.

AU PRINTEMPS
tem atelier para
confeccionar e
bordar cortina-
dos em todos os es-
tilos e dimensões.
Ru. Brintemps, rua Jvens. 56. LISBOA

CURIOSIDADES

O MAIOR POETA...

No recuado ano de 1846, apareceu na repartição central dos Correios de Paris uma carta, com este bizarro endereço: «ao maior poeta da França».

O director dos Correios, após alguma hesitação, enviou a carta para Béranger. Este, por sua vez, ao ler o envelope, mandou entregar a carta a Vitor Hugo. O autor dos *Miseráveis*, por seu turno, remeteu-a para Lamartine. E o glorioso autor das *Meditações* enviou-a, novamente, para Vitor Hugo.

Aqui tem as leitoras um caso de modéstia que, por certo, ainda não se repetiu no século XX — o século do réclamo e da publicidade.

A MÚSICA E A DOR DE DENTES...

UMA rapariga de Berlim, que estudava violino, notou, ao fim de algum tempo, que lhe acontecia ter dores fortes de dentes, sempre que executava notas elevadas.

Foi ao dentista, recorreu a vários médicos, sendo todos eles unânimes em declarar que a sua dentadura estava em perfeito estado.

A que atribuir este caso, na realidade, pouco banal? Os médicos confessam a sua impotência em averiguar a razão porque uma rapariga não pode tocar violino, sem lhe doerem os dentes. Resta uma única hipótese, mas antipática e cheia de inverosimilhança:

— A música, que tanto tem contribuído para suavizar os costumes, pode também engendrar a dor?

VIAGEM A VÊNUS

UM engenheiro, sonhador como Júlio Verne e amante das antecipações científicas como Wells, anunciou, em termos sóbrios, que ia partir, dentro em pouco, para o planeta Vénus. Donde vem essa certeza famosa, proclamada sem espalhafato? Dum aparelho que, segundo assevera o seu autor, é susceptível de ultra-fantástica velocidade de cinco mil quilómetros à hora.

Mesmo que o aparelho tenha a inacreditável velocidade acima mencionada e que o seu inventor chegue àquela planeta, ficaremos provavelmente sem saber o que lá se passa. O audaz viajante afirmou já que não será provável o seu regresso à terra. Interrogado sobre o motivo porque exprime uma dúvida tão cruel para os que anseiam conhecer o que se passa nos outros mundos habitados, encerrou-se num mutismo, apenas quebrado por algumas considerações muito vagas e confusas.

Receará ele não poder resistir à sedução das «venusianas»? Ou inventou esse famoso aparelho para se evadir da Terra?

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



QUANTOS GRÃOS DE AREIA HA NO DESERTO?

Minha boa Eugénia:

INFORMAÇÕES da praxe: meus pais gosam de boa saúde, embora a mamã, que tem a impressão de se encontrar sempre às portas da morte, se queixe constantemente ora do fígado, ora do coração, ora dos pulmões.

Perguntas da praxe: como tens passado? Teu marido continua a gostar de ti?

E agora desculpa-me a franqueza e permite-me que passe ao mais importante. O mais importante para mim — bem o sabes — não é a trivialidade, não são as cousas banais da vida banal. É o sonho, o devaneio, o que não se parece senão de longe com a realidade.

Sonhei uma noite destas que vivia em uma terra remota e calma, onde não havia chegado ainda o ruído sonoro dos motores dos aeroplanos. Deveria ser um país estranho, de pura invenção, porque nesta época de vertigem e de progresso, creio que não há terreola por mais insignificante, em cujo horizonte não tivessem passado já as grandes asas metálicas de um avião. Não tenho a certeza, mas parece-me que essa minha vida de sonho não era de agora, mas de há muitos anos, num tempo distante em que a existência decorria tranqüila, porque as ambições dos homens não eram tão grandes.

O cavaleiro cumprimentou e esporeando o cavalo desapareceu como uma nuvem que o vento impelisse e desfizesse. Desapareceu e não tornou — porque a minha criada, trazendo-me ao leito o chocolate matinal, estragou-me o sonho.

Eu gostaria, Eugénia, de saber como o pobre príncipe se saía dos apertos em que eu acabava de o meter. Seria capaz de descer ao fundo do mar? Alcançaria tocar a Lua? Teria paciência para contar os grãos de areia do deserto? Estou convencida de que o pobre rapaz tudo conseguiria. Os homens, por uma mulher, realizam por vezes o impossível. Como tudo aquilo se passou em sonhos, todas as noites me deito a pensar no belo sonho, na esperança de que volte e continue o que se interrompeu precisamente onde mais me interessava. Mas os sonhos são caprichosos... como as mulheres e como... os sonhos. O cavaleiro que partiu veloz por maneira tão estranha não tornou a visitar-me. Aguardo-o com impaciência.

Mas o mais curioso de tudo o que acabo de te contar é que o sonho roubou-me todo o interesse pela vida prosaica e aborrecida da minha época. Desde que vi o cavaleiro e gozei deliciada a liberdade dos campos na terna companhia das ovelhinhas brancas comecei a odiar o



Eu era então uma simples pastora, e envergava um vestido que, embora não tivesse aparecido nunca desenhado na *Voga*, não deixava de ser lindo e de fazer realçar — modestia à parte — a beleza que em mim todos admiram.

Gostaria de não ter acordado. Desejaria conservar por muito tempo aquele belo sonho na mente, como nós conservamos, às vezes, na boca, um *bonbon* que nos sabe bem. Caminhava através de campos cobertos de macios relvados polvilhados de malmiequeres e à minha frente, doces e meigas, ovelhinhas brancas pastavam.

Não te rias do meu sonho, querida Eugénia. Há cousas que nem por serem ridículas deixam de ser encantadoras. Este meu sonho tem realmente algo de ridículo, mas, assim mesmo pueril e risível adoro-o mais do que a realidade.

Ora, imagina tu, boa amiga, que eu me sentara — tudo em sonhos, evidentemente — nuns penedos rudes e fiava com uma roca ténues fios de ouro que lembravam, pelo brilho, delgados raios de sol, quando, tal qual acontece nas histórias infantis, surgiu na minha frente um cavaleiro jovem, imberbe e louro, que me falou assim:

— Eu vos saúdo, linda Graziela. Um velho muito velho, coberto pela poeira branca dos anos e dos caminhos, levou ao meu país notícia da vossa existência. Dissera que éreis uma princesa encantada em pastora e que vosso noivo seria quem vos desencantasse.

— Assim é, cavaleiro — disse eu, agitando uma madeixa do meu cabelo que teimava, naquele momento solene, em tombar para os olhos. — Mas só poderá casar comigo quem conseguir o que nenhum homem até hoje realizou.

— E poderei saber o que vos apraz exigir de mim para alcançar a vossa mão? — perguntou o cavaleiro, sofrendo as rédeas do ginele impaciente e fúgado que escarava na relva tenra e verde.

— Podeis. Apenas três coisas: descer ao fundo do mar, contar os grãos de areia do deserto, subir à Lua e tornar a Terra para me levar em casamento.

automóvel, o avião, o charleston e a moda. Estou deixando crescer o cabelo. Tenho saudades das longas tranças, adoro o campo, os pontos brandos, a música do vento, o mistério das florestas e outras imoralidades condenáveis. Pois se eu até já fui a Sintra só para escutar enlevada o murmúrio das fontes!

Dirás assustada: «A Graziela enlouqueceu.» E talvez tivesses razão se não te desse quanto antes a novidade da minha cura. Sim, querida amiga, estive doida varrida. O meu ódio às coisas modernas e corriqueiras da nossa época foi tão grande que cheguei a odiar a «manufatura». Tinha as unhas longas e afiadas como as de um gato.

Mas o Henrique, o meu primo, que é aviador, e a que m contei o meu lindo sonho, jurou curar-me.

Uma manhã apresentou-se em minha casa e disse-me:

— Graziela: sou o cavaleiro com que sonhaste. Vou realizar as proezas que me exigiste. Começo por dirigir-me à lua... no meu «Vickers»; queres acompanhar-me?

Achei-lhe graça e fui. Subimos, subimos por esse azul sem fim, até que a cidade lá em baixo não passava de uma mancha indistinta de casario minúsculo e insignificante.

— Queres que suba mais? — perguntou-me ele, quando já pairávamos muito alto.

— Não, não quero — roguei-lhe eu, nervosa.

— Então não queres que vá até à lua?

— E que diria Jorge, o meu noivo, se soubesse que eras o príncipe encantado dos meus sonhos?

Henrique desceu suavemente, e levou-me a casa. Pelo caminho não trocámos uma única frase. Apenas me falou à despedida para me dizer:

— Só me falta descer ao fundo do mar.

— E quantos grãos de areia há no deserto? — perguntou-lhe, com uma pontinha de malícia.

— Tantos quantos contém a tua cabecinha de vento — respondeu-me ele, franzindo o sobre-cenho.

Não te enfada mais por hoje a tua amiga GRAZIELA.

AS MEIAS de LINHO
PRINTEMPS
rão de qualidade
— GARANTIDA —
Venda exclusiva
AUPRINTEMPS, R. Jvens. 56. LISBOA

INVENÇÕES

UM sábio russo, de Moscúvia, inventou uma máquina que descobre todas as mentiras. E, com o ligeiro intervalo duma semana, um americano suplantou aquela invenção, descobrindo um aparelho ainda de maior maravilha: a máquina que adivinha todos os pensamentos.

Estas duas inovações estão ainda envoltas num denso mistério: só meia dúzia de pessoas conhecem, em todos os seus pormenores, esses diabólicos aparelhos. E essa meia dúzia de iniciados é duma discreção absoluta, impenetrável a todas as curiosidades, inacessível a todas as corrupções. Por ela, não há maneira de obter, nem recorrendo às práticas mais astutas, nem às piores violências, o segredo, o terrível segredo, que virá revolucionar o mundo, revolucionando todas as relações entre os homens.

Os inventores são ainda mais inacessíveis: armados com os seus aparelhos, tão mágicos como o dos contos orientais, averiguam logo o pensamento das pessoas que as visitam e descobrem todas as relações com que elas procuram enredá-las.

Houve quem suspeitasse, ante a insistência desses dois sábios em ocultar ao mundo, tocado duma curiosidade tão ardente que roça pela angústia, as suas prodigiosas, arqui-fantásticas descobertas, que se tratasse de duas formidáveis mistificações.

Porém, essa hipótese, partindo de criaturas maliciosas e desconfiadas, foi rapidamente arredada. Esses dois sábios eram a modestia personificada: viviam uma vida sóbria, sem apertos de bolsa, nem complicações de qualquer natureza. Para os tentar a desvendar seus segredos ofertaram-lhes quantias fabulosas. Grandes trusts jornalísticos ofereceram-lhes fortunas em troca dum só artigo, exigindo-lhes apenas que se referissem aos inventos, sem, contudo, revelarem aquilo que pudesse ser essencial ao segredo em que eles estão envolvidos.

E esses dois sábios, com simplicidade, rejeitaram as tentadoras propostas. Diante destes dois homens que, em pleno século XX, em pleno século do dinheiro e da publicidade, se não rendiam a estas duas grandes potências, não houve remédio senão reconhecer sua modéstia e sua honestidade.

Uma interrogação ficou suspensa dos lábios do universo: porque se recusam estes homens ferozmente a revelar seus grandes, seus estranhos segredos?

Nenhuma despota até hoje ousou proibir o pensamento. Sua tirania, tão amaldiçoada pelos românticos defensores da liberdade, nunca se exerceu dentro das quatro impenetráveis paredes dum crânio. Com a invenção daqueles dois sábios nascia o maior despotismo, com a agravante de serem tantos os despotas quantos os aparelhos fabricados.

As mais excepcionais criaturas converter-se-iam nas mais vulgares; as mais honestas seriam acusadas de monstruosos pensamentos e de criminosas intenções. Pensar, — que foi sempre, através dos séculos, a mais nobre e deletável função humana, — tornar-se-ia a mais execranda. O cérebro ideal seria aquele que fosse incapaz não só dum pensamento, mas até do dealbar dum pensamento.

O instinto da conservação levaria os seres humanos a anularem a sua mais bela faculdade, aquela que constitui sua maior glória e seu único vínculo de imortalidade. A humanidade, no espaço dum século ou dois, ficaria — acéfala.

Dela não mais resaria a história — a história que não resa dos povos felizes, — a qual seria inevitavelmente muda a propósito da existência acéfala do universo.

Talvez — quem sabe! — se as primeiras vítimas desses dois maléficos engenhos, não seriam seus próprios inventores! Se lhes aplicassemos talvez viessemos a descobrir que as suas invenções não passam de ilusões perigosas de seus cérebros em perigoso desarranjo. A máquina de descobrir a mentira e a de desvendar pensamentos talvez abram aos dois sábios novos horizontes até ali por eles entrevistos — os da loucura...

C. L.

O SALÃO DA ELEGÂNCIA FEMININA & ARTES DECORATIVAS não é um negocio da **VOGA**: é uma obra desinteressada.

MENU inglês, mas moderado. Depois da sobremesa, as damas levantam-se. Nós ficamos algum tempo a beber. Em seguida reunião no «parloir»: — chamam assim à sala tapetada de yorghés. Café — à franca — cigarrilhas, turcas e inglesas. Lady Falkland oferece as chávenas, lady Edith os Bird's eye e os Corps Diplomatique...

Sorriam ambas com o mesmo sorriso obrigatório, mundano. As suas mãos vizinhas, estendem-se ao mesmo tempo para cada convidado. Não se percebe à primeira vista que são inimigas, que lutam sem piedade por este prêmio que está diante de nós, o lar, o filho, a dignidade vital de mãe e de esposa. Sómente se distingue que são diferentes, opostas, estranhas... E por causa da minha amizade por aquela, sinto que odeio esta, que a odeio violentamente... Deve ser bem forte a minha amizade...

Incidente. O pequeno refugiou-se junto da mãe e murmura-lhe ao ouvido não sei o quê.

— Edward! — chama o pai, ásperamente — venha cá.

Ele vem logo, medroso.

— É grosseiro falar baixo. Será castigado. Saia.

A criança, silenciosa, obedece. Lady Falkland não se mexe. Mas estou-lhe a ver as sobrancelhas...

NYTHIS
Parfume de
GELLÉ FRÈRES
PARIS



ESSENCIA
PÓ DE ARROZ
LOÇÃO
ÁGUA DE COLÔNIA
SABONETE

Cl. Venda em todas as boas Casas
Agentes gerais: STEITEN 9119, Rua de Madalena 21E, LISBOA

lhas que, de súbito, se carregaram muito, e o lábio superior, um pouco crispado, descobrindo os dentes; e conheço aquela expressão feroz de animal que sofre.

Lady Edith ri.

— Archie, não ralhe assim com o menino na presença de Mary. Mary não gosta da educação enérgica, bem vê...

Nem uma palavra da mãe. Sir Archibald encolhe os ombros.

— Suponho, Edith, que não quererá persuadir-me a suportar que meu filho, um Falkland, tenha maneiras que não sejam de fidalgo.

Edith ri sempre, com um riso agudo, trocista:

— Oh! sem dúvida. Mas uma «mamã» é um ser fraco, compassivo. É preciso tratá-la bem, Archie.

Nenhuma palavra ainda. Mas vejo os belos olhos escuros, que amo, levantarem para mim o seu olhar intenso, que pede socorro. E então falo:

— Oh! sir Archibald, acredita que um bebé de seis anos tenha maneiras que não sejam de um fidalgo, nem de cavalheiro — o que é talvez melhor — pelo facto de manifestar, sem fingimento, ternura por sua mãe? Já me deu uma vez a honra de exaltar a minha raça; e realmente, é de velho sangue bretão, rude e brutal. Todavia, o meu mais ilustre antepassado — uma marquesa de há duzentos anos — é principalmente célebre pelo amor cego, pueril e comovente que tinha a sua filha... Mesmo na minha França de outrora, a pesar de menos sensível

O HOMEM Claude Farrère QUE ASSASSINOU

TRAD. DO DR. ALBERTINO DA SILVA

(Continuação)

que a de hoje, não se levava a mal mimalhar um pouco as crianças. Sou até de opinião que a indulgência as torna mais ousadas e altivas. Não gosto de caras de medo...

Silêncio. Um duro olhar cinzento pesa sobre mim, durante um segundo. E depois de um movimento, é lady Edith que replica de flanco: — Oh, a França foi sempre o país das ternuras e das fraquezas. Fica-lhe muito bem! Mas, naturalmente, há outros povos que não poderiam ser assim. O nosso sangue escocês, mais ativo...

— Mais ativo? — Decerto, meu caro senhor. Ora veja, compare a sua estatura e a sua força com as de meu primo... O senhor Sévigné tem perfeitamente o ar de uma mulher; eu sou mais alta. O senhor podia vestir muito bem o meu vestido — levantando-o um pouco. Por isso, é natural que seja partidário das mimalhices e das ternuras...

Oh! Oh! Ela atreve-se a ser impertinente comigo... Eu lhe quebrarei as fúrias... Ah! retruca-lhe agora Cernuicz, e bem ironicamente, palavra!

— Hum! lady Edith, olhe que as aparências iludem. O marquês, franzino como é, daria talvez que fazer até ao meu ilustre amigo, sir Archibald Falkland em pessoa...

Olá! Passaria, acaso, o Polaco para o nosso campo? Aí está uma coisa extraordinária. Mas eu não tenho tempo para me espantar: sir Archibald fecha peremptoriamente a discussão:

— Espero que o coronel não esteja ofendido. As raparigas gostam de gracejar... Quanto ao pequeno, nós discordamos um pouco sobre a educação que mais lhe convém. Mas não importa: minha mulher e eu também discordamos... É verdade que dentro em pouco já não discordaremos.

E fixa a desgraçada, francamente, com uma resolução fria no fundo dos seus olhos da cor das brumas e dos lagos.

Não posso mais. Despeço-me cedo, pretextando o serviço na Embaixada. Lady Falkland que não disse, ao todo, quatro palavras, sorri-me com um ar cansado, enquanto lhe beijo a mão. Pobre mulher! Ei-la no fundo do fauteuil, abatida, derreada, e tão triste que desisto de a contemplar. Ah! compreendo a sua loucura pelo ar livre e pela liberdade, compreendo o gesto infantil com que ela dilata o peito, para respirar mais fundo, quando só eu estou a seu lado, no deserto das ruas de Stambul, sem que um olhar feroz esteja embasbacado perto, para a espreitar e ameaçar...

Sir Archibald acompanha-me através do jardim até ao meu caïque. Lady Edith vem também. Parece-me ter surpreendido um olhar rápido dele para ela, chamando-a. Lady Falkland ficou na sala, por causa de Cernuicz que por ora não parte...

O meu caïque está acostado à escada. Torno a ver, à esquerda da grade, à beira do Bósforo, e debruçado sobre a água, o velho pavilhão que serve de refúgio àquela que, sem dúvida, não quer expor-se a ver coisas vis. O caïque larga. Archibald e Edith, de pé, ao lado um do outro, e dando-se o braço, saudam-me com simultânea inclinação de cabeça; depois dão meia volta. Ah! vejo-os de costas... e a mão do baronete, rápida cingindo a cintura da sua amante. A cintura verga, e não se esquiva.

XXVII

4 de Novembro.

— Lady Falkland pode receber-me?

O «cavaz» abaixa a cabeça à moda levantina. E is-me de novo na sala dos «yorghés». Venho «digerir» o meu almoço de domingo. Além disso, uma razão especial me trouxe ao Alto Bósforo, precisamente esta tarde. E talvez não volte à noite a Péra...

Conheço os usos e costumes da casa. Por isso não me admira ver entrar Lady Edith em primeiro lugar. Recordo-me da minha primeira visita. Lady Edith procedeu semelhantemente, e eu, a pesar da minha estranheza, fui cortês. Hoje, desejo sê-lo menos. Começamos — ex abrupto. Nós, hóspedes, temos um certo fraco pela ofensiva:

— Mademoiselle! (pode esperar quanto quiser que eu a trate por lady Edith!) como é gentil em vir imediatamente fazer-me companhia, sempre que eu visito lady Falkland!

Ela examina-me de soslaio. A pesar de não ser francesa, a ironia é-lhe até certo ponto acessível. Hesita em replicar, mas decide-se:

— O senhor é que é prodigiosamente amável, vindo tantas vezes e de tão longe, para ver lady Falkland... É preciso que lhe ache um encanto irresistível!

— Oh! por um Bósforo como este, a excursão é um prazer. Aí temos nós um mês de Novembro que mais parece um mês de Junho. E acabarei por não me espantar da obstinação de seu

primo em viver sempre no campo, nesta velha casa solitária, que se diria feita expressamente para dois namorados...

Ah! os lábios finos apertam-se um contra o outro. Se estivéssemos esgrimindo, certamente eu ouviria gritar «touché!». Mas isto não é esgrima: é antes «duelo»... Ora! eu sou talvez o mais forte, não obstante a minha estatura feminina, como ela dizia outro dia... Experimentemos... O inimigo o que deseja é combater. Até ataca, não se limita a parar os golpes:

— Para dois apaixonados?... esta casa?... Nem pensar nisso, meu caro senhor. É demasiado grande, e gelada, e sombria! Ah! se fôsse do pequeno pavilhão que está à beira da água... isso, sim; aí tudo é gentil, galante, romanesco... e à noite os caíques aborram lá facilmente...

Realmente?... Eis uma diversão que parece uma vilania. Tu procuras os golpes, minha menina! Tanto pior para ti...

— Casa, pavilhão, é tudo o mesmo: deve ser de gelar... Mas de facto, vós outros, ingleses, não tendes medo, creio eu, das vilegiaturas de inverno. Não foi educada na Escócia, mademoiselle? num rude solar entre montanhas? em casa dum seu irmão, disseram-me?

Dois relâmpagos faiscaram naqueles olhos cinzentos. Desta vez toquei na chaga viva. Lady Edith suspende a respiração, e sufoca antes de responder. Certamente, o antigo ultraje vive sempre e agita-se dentro daquele coração cheio de ódio. E eu acabo de evocar perante ela, um pouco brutalmente, o dia terrível da sua fuga da Escócia, em que seu irmão, juiz inflexível e irritado, a expulsou de casa, como se expulsava uma criada gatuna... Aí de mim, logo que ela possa falar. Mas, armistício: entra lady Falkland.

— Na verdade, meu caro senhor, parece mesmo de propósito; todas as vezes que aqui vem, esquecem-se de me avisar...

Como o marido não está, ela assume tal ou qual animação, mesmo alegria. Não é ainda a companheira viva e quase divertida dos nossos passeios através de Stambul, a corajosa que recalcava a melancolia e luta contra o «spleen», à força de despreendimento e de temeridade, não. Mas também já não é a criatura esmagada que no domingo, enterrada no «fauteuil», se calava obstinadamente e curvava a cabeça...

— Senhora, esperava-a o mais agradavelmente possível; miss Edith fazia-me companhia, e começava precisamente a descrever-me os seus antigos tempos da Escócia. Há já muitos anos que deixou esse seu castelo? Sem tenção de voltar?

Carregai, atirai em frente! Vou-me entusiasmando com o jogo. Lady Falkland, que não esperava por isto, senta-se; sorri ligeiramente, tremendo pelos resultados do meu capricho belicoso. Lady Edith, pálida, faz um esforço terrível para readquirir o sangue frio. As maçãs do rosto, de cor de rosa vaporoso, tornaram-se-lhe verdes. Mal consegue balbuciar:

— Sim... muitos anos... dois anos...

Nada de tréguas! volto à carga:

— Dois anos apenas? Vêjo que se adapta muito depressa a países novos, a outras casas... É uma grande aptidão a que tem os ingleses de estar em toda a parte como na sua terra, e de rapidamente e seja como fôr, conseguir um lar!

Em guarda! Ei-la que vai carregar. Meu Deus, que ódio naqueles olhos que scintilam como espadas, naque laboca que se torce com vontade de morder!

— É uma grande aptidão que nós temos, sim... Posto que grandes viajantes, somos uma raça de índole estável. O contrário sucede com vós outros, Franceses. A primeira estalagem que se vos depara satisfaz-vos e dormis às vezes em roupas duvidosas, sem dar conta...

Que quere ela dizer? Ora, que me importa? Continuemos:

— É possível... mas se não damos conta... E a estalagem tem uma coisa boa: é que lá paga-se a despesa, honradamente; de maneira que o estalajadeiro não tem o direito, aconteça o que acontecer, de acusar os viajantes de ingratitude...

Tremem-lhe as mãos, de furor, e ainda descobriu meio de tornar-se mais pálida. Onde se lhe iria esconder o sangue das faces? Vai talvez desmaiar ou ter uma crise de nervos! Mas não. Estas inglesas são animais de sangue frio. Ainda assim, lady Falkland, inquieta, julga oportuno intervir:

— O senhor de Sévigné está hoje de humor romanesco. Isso só acontece nas hospedarias do D. Quixote, viajantes altercando com hoteleiros...

É sempre imprudente metermo-nos entre duelistas.

— Tem razão, minha querida — sibilo lady Edith. — Mas a sua qualidade de Francesa, de que, a propósito de tudo e de nada se costuma vangloriar, devia torná-la indulgente para com

o marquês: D. Quixote é precisamentem muito célebre em França, e é sem dúvida para imitar-lhe as façanhas que os Franceses quebram tão voluntariamente lanças contra moínhos e se intrometem no que não lhes respeita.

Fraca resposta! Esperava melhor.

— No que não nos respeita, concordo. Que quer? É uma maneira francesa, a de assumir o papel de defensor dos oprimidos. Quanto a mim, nunca pude ver chorar mulheres ou crianças sem pedir a alguém a explicação dessas lágrimas.

— Dom Quixote soltando os grilhetas!

— Alguns estariam inocentes.

— Na dúvida, abstem-te. Provérbio francês, creio eu.

— Na dúvida, esclarece-te! É feita luz, protege os bons, carrega sobre os outros.

— Sim, a luz está feita. Porém, muitas vezes, fazem-na mal. Certas pessoas deslumbram-se facilmente e julgam realidade o que não passa de ilusão.

— Outras há que tem excelentes olhos.

— Mesmo a essas eu aconselharia às vezes que pusessem óculos... É sempre a história das roupas de estalagem. Os homens metódicos, antes de se deitarem, examinam-nas bem. Não é verdade, Mary? O príncipe Cernuicz recitava-nos outro dia deliciosos versos, sobre um assunto análogo...

Mais esta alusão? Continuo a não compreender... E Cernuicz, que tem que ver nisto? Olho para lady Falkland... Oh! muito pálida também... De que patifaria se trata então?

PASTA DENTÍFRICA MARIA LUÍSA

SUPERIOR Á MELHOR

Branqueia os dentes e perfuma a boca

Alto! seja como fôr, julgo que é tempo de cair a fundo:

— Tranquile-se, miss Edith: na ocasião precisa não me contentarei em pôr óculos. Tenho um óculo de ver ao longe que muito aproxima os objectos: olhe, de Péra vejo distintamente Canlidja e o que nela se passa. Ainda mais: entre o meu material de adido militar encontra-se um telescópio de astrónomo... graças ao qual eu posso, ao sabor do meu capricho, estender o olhar até à distância que me apeteça... até à Escócia, por exemplo. Mas eu esqueço-me a tagarelar e creio que é já muito tarde...

Desta vez é o golpe de misericórdia. Ela fica imóvel, fora de combate. E é só lady Falkland que me acompanha até à escada. Beijo-lhe a mão:

— Então? julgo que demonstrei ser um zeloso partidário seu.

Mas ela mostra-se muito menos encantada do que eu suponha. E abana a cabeça:

— Meu amigo, meu amigo, seja prudente, peço-lh'o.

— Prudente? É a senhora que pronuncia essa palavra? a senhora, a temerária?

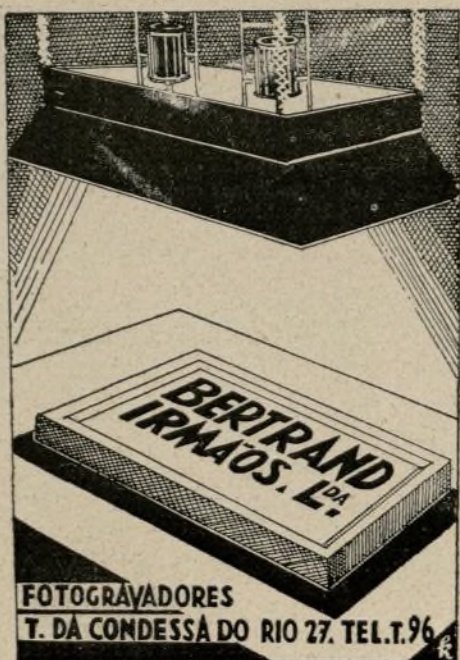
Ela abana de novo a cabeça, reflecte um instante, hesita. Ouço ao fundo do jardim casquinadas de riso infantil.

— Temerária, sim! se apenas se tratasse de mim... Mas tenho o meu filho. E pensa o senhor que não devo eu velar por esse riso que além sôa? Depois de eu partir o meu menino não tornará a rir, o senhor bem sabe.

Eu replico, contra vontade.

— Sim, bem sei... Eu mesmo lh'o disse há tempos, quando a senhora Erizian nos pedia que renunciássemos aos nossos passeios. A senhora proibiu-me então que lhe falasse em prudência. Que mudança se operou?

(Continúa).



BERTRAND
IRMAOS. L^{da}

FOTOGRAVADORES
T. DA CONDESSA DO RIO 27. TEL. T. 96



ALUA: ONDE VAIS TU SATURNO?
SATURNO: VOU EMPENHAR O MEU ANEL PARA COMPRAR O MAGAZINE BERTRAND

Grafologia

N.º 390 — *M. Julia*. — Actividade física e mental a vibrar em manifestações de idealismo sentimental e romântico.

Há aspectos no seu personalismo que definem a sua extraordinária impressionabilidade, um pouco agitada e triste...

A sua vontade parecendo forte é, não obstante, travada por um sentimento de dúvida e hesitação que não consegue apagar.

N.º 391 — *Veloutine*. — Entusiasmo e agitação tão alegre por vezes como depressiva e dramática noutros momentos.

É bem o grafismo que define a posse de uma natureza sempre disposta a ver o mundo e a vida através de uma lente que exagera todos os aspectos e todos os factos além das proporções normais.

Orgulho muito pessoal e uma certa altivez, fruto da consciência dos seus dotes e atracções.

N.º 392 — *Alvaro de Santa Filomena*. — Hábitos de leitura e actividade intelectual, procurando manter a sua dignidade e aparência um pouco mais «vertical» e digna do que na verdade se sente...

No resto uma excelente pessoa, incapaz de fazer mal seja a quem for, contanto que não ataquem o seu extraordinário amor próprio.

N.º 393 — *Vasili di Rocero*. — Muiíssimo feminino em toda a sua impressionabilidade, paixão e... entusiasmo.

Sabe bem guardar o momento oportuno para impor a sua vontade de maneira a vencer deci-

LIÇÕES DE BORDADOS

Em curso ou particular

POR BORDADORA BEM HABILITADA

Rua da Bempostinha, 40, 1.º

didamente, para em seguida mostrar-se superiormente digna, perdendo.

O único defeito será, talvez, um excesso de dispêndio material e uma certa falta de critério na maneira de usar as suas posses.

N.º 394 — *Uma que tem saudades*. — Grande impressionabilidade, vibrando numa agitação irreprimível e exagerada.

O seu sentimentalismo é indeciso e toda a sua existência decorre sob a pressão indisciplinada da sua imaginação.

O seu único defeito limita-se à grande dificuldade revelada em todos os seus traços de poder focar a sua vontade e a sua atenção num único alvo, traçando uma única directriz que lhe permita obter tudo o que deseja.

Permita-me que eu lhe lembre aquele ditado bem português: — «Quem tudo quer tudo perde...»

N.º 395 — *Lusitana*. — Afectividade, sinceridade e uma leve precipitação, que todavia a custo consegue reprimir.

Determinados aspectos deste grafismo denotam também uma certa rigidez de opinião e atitudes às vezes manifestadas em crises violentas de génio e nervosismo.

Todas as suas qualidades morais surgem bem equilibradas, aliadas a tendências para uma economia relativa e uma intuição perfeitamente lógica com a sua maneira de viver e de sentir.

N.º 396 — *Henrique*. — Actividade enérgica e decidida. Faculdades girando em volta da sua vontade, tentando beneficiar a sua situação na consciência absoluta dos seus méritos e qualidades pessoais.

Compreensão inteligente das suas necessidades e de todos os seus defeitos, que poderão resumir-se na sua pouca generosidade em dar um pouco de tudo que guarda para si próprio.

Uma grande sequência de ideias, sabendo bem o que quer e como quer sem se mostrar altivo ou demasiado nas suas pretensões.

Em resumo, um grafismo demonstrando a existência de excelentes faculdades de trabalho e a posse de optimas qualidades morais.

N.º 397 — *Devo confiar?* — Lógica de pensa-

Se o arranjo da vossa casa vos preocupa



visitai os



Grandes Armazens Nascimento



S.ª Catarina

Porto



Ayuntamiento de Madrid

mentos e atitudes denotando ser possuidor de um carácter extremamente susceptível e também de um determinado equilíbrio de forças morais entre o seu coração e o seu cérebro.

Ideais elevados, um pouco indefinidos pela altura a que pairam.

Energia física e moral, intuição e dedução equilibrada mas ferida por tendências indecisas, atraindo ideais irrealizáveis de uma utopia ainda muito distante...

N.º 398 — *Devo acreditar*. — Intellectualidade e rigidez de princípios aliados a uma bondade manifesta mas somente esquecida quando se trata de pôr em perigo as suas ideias sociais e particulares.

É bem o grafismo de quem não admite dúvidas ou paliativos nas decisões ou atitudes a tomar no momento oportuno de agir.

Hábitos de leitura e disciplina mental adicionada a uma vontade forte mas demasiado autotária.

N.º 399 — *Um espírito forte*. — Simplicidade, energia e força de vontade.

Determinados traços denotam uma parcela de egoísmo aliás bem vulgar no seu meio e convivência.

Temperamento exigente, forte e vigoroso, por vezes irascível e prestes a resvalar na violência desnecessária.

Em resumo, o grafismo de um homem verdadeiramente homem...

N.º 400 — *Uma sua admiradora*. — Uma grande afectividade impressionável, agitada por um nervosismo impulsivo.

Reflexão em luta com um espírito extremamente ousado e de difícil submissão.

Bondade e dificuldade de expressão.

Muito lamento não ter sido possível publicar estas respostas mais cedo mas todos os resultados grafológicos teem que aguardar a sua vez, segundo a ordem por que foram recebidos.

N.º 401 — *Grisette du Louvre*. — Le graphisme envoyé est celui d'un homme d'une bonne moyenne d'intelligence, qui compte trop sur sa facilité naturelle.

Il est intéressant de constater que chez celui-ci le cœur est maître, il suit ses impulsions avec la plus complète spontanéité.

C'est aussi un graphisme simplifié à l'excès dont la caractéristique est cette spontanéité de sensation et d'action.

Il est évident que cet écrivain n'aime pas les détails en general et surtout les détails inutiles.

Et voilà...

N.º 402 — *Ramalhete azul*. — Um espírito minucioso e concentrado numa vontade forte mas pouco decidida, arrastando-se por vezes sob o peso de uma dúvida absolutamente prejudicial aos seus fins em vista.

Diversidade de tendências ora vibrando energeticamente num sentido, ora perdendo-se em actividades mentais absolutamente improficuas.

Se conseguisse disciplinar as suas faculdades intelectuais, poderia desenvolver a sua acção com uma certeza absoluta de triunfo.

Para uma descrição mais desenvolvida e minuciosa dos seus característicos grafológicos podem todas as ex.ªs consulentes da *Voga*, reenderçar estas mesmas consultas para o *Magazine Bertrand* mediante as condições indicadas na secção grafológica dessa revista mensal (2\$50 por cada consulta) e a indicação do número e pseudónimo sob que foi dada a resposta na *Voga*.

O verdadeiro nome ou a morada da cliente só é necessário caso se deseje a devolução do documento enviado para análise junto a um envelope devidamente estampilhado.

Todas as consultas dirigidas à *Voga*, deverão ser acompanhadas da importância de um escudo em papel moeda e endereçadas a

MADAME DE MEMPHIS

GRAFOLOGIA — «VOGA»

Rua Anchieta

Lisboa

Só serão enviados pelo correio os resultados das consultas endereçadas ao *Magazine Bertrand* nas condições indicadas na secção grafológica dessa revista.

MADAME DE MEMPHIS.

Lave, ondule e corte o seu cabelo na

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

LISBOA

AVENIDA, 35

Novas instalações

O maior dos sucessos
JOÃO CHAGAS
TRABALHOS
FORÇADOS

EDIÇÃO DEFINITIVA

Em 3 volumes

O diário dum revoltado

As memorias dum idealista

Cada volume 10\$00

PEDIDOS ÀS LIVRARIAS

AILLAUD E BERTRAND

Chiado, 73 e 75 — LISBOA

QUEM FAZ AS ESTRÊLAS?

Em Hollywood, por estranho que pareça, há poucas estrêlas de cinema—porque em Hollywood o termo «estrêla» designa chefia, primeiro plano. Todos os outros personagens da scena muda caem em vários grupos, a começar pelos «participantes» e a terminar pelos simples «extras». O participante é, na verdade, um astro na sua trajectória em direcção ao zenith cinematográfico, ao passo que o «extra» é assim uma espécie de cometa, corpo errante a descrever elipses alongadas em redor dos estúdios, na faina de neles entrar. Tal como na cosmografia, o cometa cinematográfico também se apresenta com uma longa «cauda» às portas do estúdio.

É das fileiras dos participantes que saem as estrêlas. Renée Adorée não foi logo uma estrêla, de começo, mas uma participante em «The Big Parade». O seu trabalho nessa fita, entretanto, serviu-lhe de recomendação para os maiores dos estúdios, que bem cedo a transformaram em estrêla, com tôdas as honras de cargo e posto.

Greta Garbo é uma outra estrêla de «primeira grandeza» que esteve a princípio a trabalhar como simples participante. Penetrou no cinema após uma excelente carreira teatral na Suécia, e o seu talento facilitou-lhe a mesma ascensão na abóbada celeste da scena muda, tal como sucedera a Renée Adorée.

Todos os artistas cujo trabalho não é de significação especial, são considerados participantes, isto é, os seus nomes aparecem sempre em seguida aos dos astros. Sem dúvida, são os que mais se esforçam no trabalho, porque se encontram prestes a alcançar a sua ambição. Todos teem as melhores oportunidades e estímulo para que demonstrem o máximo da sua capacidade. Teem ocasião de ver tôdas as regalias e homenagens de que disfrutam as estrêlas durante os trabalhos. As estrêlas dispõem de camarins ambulantes, compostos de carros que as acompanham através dos lugares em que se trabalha. Esses camarins são confortáveis carros, tratados com tôda a atenção e que, por si, despertam geral curiosidade e emprestam ares de importância.

O público, entretanto, não julga necessário fazer maiores distinções entre as diversas constelações zodiacais do firmamento de Hollywood. Tudo é estrêla. Se agrada ao público, é estrêla. Não importa que os astrónomos dos estúdios as classifiquem em primárias ou de primeira grandeza, secundárias e terciárias, sendo para êles algumas incapazes de serem vistas a olho nú. O público, porém, aplica o telescópio da sua alta sabedoria e vai-lhes buscar o alcance, deleitando-se na sua admiração e entusiasmo.

Na realidade, a opinião do público em geral é um

factor de considerável valor. Quando um artista, homem ou mulher, começa a ser julgado pelo público como elemento de qualidade, não há que duvidar—a sua colocação ascendente aproxima-se.

Joan Crawford está nos estúdios nas condições de simples participante ou estrêla de segunda grandeza. Mas bem próxima



já se acha a sua colocação rutilante entre as estrêlas de primeira grandeza. Todos já a supõem uma estrêla de facto, mas isto virá com o tempo. E quando vier, outra irá ocupar o seu lugar.

Também se dá o facto muito expressivo de haver numerosos participantes que nunca conseguiram passar a astros, assim como tantos outros que teem estado a trabalhar em fitas e mais fitas, sem jámais haverem saído da sua simples condição de «extras».

ÉCRAN.

